

A ILLUSTRACÃO

DIRECTOR-PROPRIETÁRIO: MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 13, quai VOLTAIRE

Dirigir todas as ped. das assignaturas e annuaes
avulsas em Portugal ao SR. DAVID CORAZZI, 42, rua
di Alameda, LISBOA; e no Brazil, ao SR. JOSÉ DE
MELLO, 24, rua di Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Preço do numero a Paris, 1 franco.

7.º ANNO. — VOLUME VII. — Nº. 1

PARIS, 5 DE JANEIRO DE 1890

Gerente em Portugal e Brazil: DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO.....	3.400 REIS
SEMPRE.....	1.200 —
TRIMESTRE.....	600 —
AVULSO.....	100 —



O ANNO NOVO. — COMPOZIÇÃO DE JACQUES WAGREZ.



A TRAVÉZ DE PARIS

A INFLUENZA (enfermidade que, graças à misericórdia divina, não tem de italiana senão o nome) continua a grassar sob a dupla forma de catarrhal e de assumpto de conversação. A primeira d'estas duas manifestações da epidemia é assaz benigna: e o curto espaço de 4 a 5 dias media regularmente entre os primeiros symptomas do mal e a sua cura completa; a segunda porém é muito mais grave e reveste caracteres assaz ameaçadores. E' sobretudo nas pessoas de hábitos mundanos e que frequentam clubs, associações ou mesmo *d'club teas* que se manifestam de preferencia os symptomas do terrível flagello. A futura victima logo ao levantar da cama ouve fallar ao seu credo na *influenza*; pega n'um jornal, e a rubrica *A influenza em Paris* salta-lhe aos olhos. Pelo dia adiante cada conhecido que encontra enterpele-a já de longe: — « Então que me diz da *influenza*? » — « Se entra n'uma sala, n'um *cerce*, n'um omnibus, n'um camarote, n'uma *vespasiana*, n'um *restaurant*, não ouve, não lê, não respira, não come, não bebe, senão *influenza!* *influenza!* »

Ao cabo de alguns dias d'este regimen, o desgraçado começa a sentir náuseas, vertigens, impossibilidade de fiar objectos brilhantes, secureza de lingua e vontade de morder em sua sogra. Está damnado!

Um medico, meu amigo, que é o mais alegre rapaz que eu conheço, e que tem o espirito sempre virado para as coisas facciosas, affirmou-me ha dias que afinal de contas esta historia da *influenza* não passa d'uma especie de batedor, ou correio avançado, do *cholera-morbus* que justamente se acha na Persia dizimando os subditos do Schah. Ora ao que parece, quando o *cholera* vem do Egypto, raras vezes transpõe os Alpes, ou quando os transpõe é para se entreter em Marselha, Toulon e nas cidades hespanholas do Mediterraneo, onde elle se acha agradávelemte em familia, com a tradicional porcuria e desleixo dos seus habitantes; porém quando vindo da Persia, transpõe o Caucaso, e em breve a Europa inteira se converte n'uma vasta necropole. Actualmente, as ultimas noticias dão n'o chegado ás visinhanças de Tiflis.

Estas e outras coisas alacres e festivas me disse o meu galhofeiro amigo, espirito sempre virado para os facciosos assumptos. E esta amena conversação não contribuiu pouco para animar o meu cerebro contrariado precisadamente n'esse dia por algumas horas de conversa e divagações sobre a *influenza*. Que excellente coisa, o convívio com amigos prazenteiros!

Além da *influenza*, fallou-se tambem em Paris do casamento de Mlle d'Uzès, filha da famosa duquesa boulangista, com o duque de Luynes, filho do gentilhomem morto na batalha de Patay. A chronica apoderou-se d'este assumpto mundano e deu-nos os mais interessantes pormenores sobre o envalho da noiva. Assim veio por exemplo a saber-se o numero exacto dos seus mais intimos *inexpressíveis*; e da mesma forma se deixou de ignorar que as suas camisas de noite atam por meio de fitas cor de rosa serpeando por entre rendas de mil francos o metro. Este genero de litteratura parece ser muito do agrado dos interessados, visto que o toleram, e é permitido mesmo esperar, dado o crescente desenvolvimento da reportagem contemporanea, que dentro em breve por occasião d'estes grandes casamentos aristocraticos, as folhas publicas insiram no dia seguinte ao enlace um boletim minucioso da noite esponsalicia, com photogra-

vuras e o resumo tachygraphico da conversação.

O mal da epocha, a verdadeira *influenza*, é o cabotinismo insupportavel, a avidez de insalubre publicidade que tanto agita hoje em dia um descendente dos Cruzados, como um tenor do theatro lyrico de Carcassonne.

Além da lista do enxoval, os jornaes publicaram a dos presentes. As populações foram informadas por este meio de que a actual duquesa de Luynes se pode abanar com 48 leques ao mesmo tempo, ou successivamente, a seu gosto; e enfeitar-se com um numero incalculavel de pulseiras, brincos, adereces, broches, entre os quaes uma libellula em diamantes do *illustre exilado* de Jersey.

Ora dias depois tinha lugar um *meeting* promovido pela associação dos empregados demittidos pelo governo, por occasião da famosa descoberta dos papeis de Boulanger. O *illustre exilado* enviou-lhes suas pobres victimas uma somma de oito libras.

Certos espiritos azedos exprimem a opinião de que o general teria feito muito melhor em mandar o broche de diamantes aos desgraçados que por causa d'elle ficaram sem o seu ganha pão — e as oito libras á duquesa d'Uzès.

Isto já se sabe na hypothese aliás provavel de a tal libellula valer mais de 8 libras. De outra forma, ainda os pobres diabos demittidos perderiam na troca.

O que é certo é que o *brav' general*, outr'ora tão perdulario e faustoso, resvalou hoje na mais lamentavel piranga, como se diz no grande mundo. A hora tragica do calote aproxima-se vertiginosamente. O delicioso sussurrar das antigas e mysteriosas fontes... de receita extinguiu-se, e no fundo tenebroso das suas algebeiras outr'ora tilintantes, silenciosamente o cotão germina, cryptogamma da pelinrice, bolór sinistro da miseria.

A sorte do general affigura-se-me tanto mais lamentavel, quanto é certo que nem lhe resta, como a Victor Hugo no exilio, o recurso de escrever os *Miseráveis* e de os vender a um editor por meio milhão.

Este casamento do joven duque de Luynes evoca na minha memoria uma nedocta quasi epica, que ouvi contar a um dos amigos e parentes da familia, o conde de G.

Como acima disse, o pae do duque actual cahiu varado por uma balla prussiana na famosa batalha de Patay, onde Charette e o seu heroico batalhão vendeamto praticaram prodigios de valor. O duque tinha apenas alguns mezes de casado e a sua viuva ficara grávida do feliz noivo de Mlle d'Uzès. Espalhou-se por essa occasião um boato odioso. Segundo a voz publica, o duque de Luynes não tombara com a face voltada para o inimigo, e fóra pelas costas, na debandada d'uma fuga covarde, que a balla prussiana o viera fulminar.

Esta columna chegou aos ouvidos da velha mãe do gentilhomem, que mandou exhumar o cadaver de seu filho e transportal-o ao solar de Luynes. Todos os rendeiros, cultivadores, operarios do vasto dominio, todos os habitantes das aldeias circumvisinhas foram, a som de trompa, convidados a comparecerem n'um determinado dia á porta do castello. A' hora indicada, uma turba silenciosa e commovida apinhava-se em torno da senhorial mansão, e as portas abriram-se de par em par. A onda humana penetrou e, conduzida por mordomos carregados de lucto, invadiu a grande sala dos Guardas, cujo tecto apainelado desaparecia sobre veus de crepe, e onde hirtos, immoveis, nos seus corseis gigantescos, cincoenta cavalleiros, broquelados de ferro, enlavados de aço, empunhando longas lanças se olhavam, como no *Epiradnus* de Hugo, frente a frente, em silencio. Um grande catafalco, rodeado de tocheiras de prata onde tremulezia a chamma amarelenta dos cýrios, erguia-se a meio do vasto recinto, e sobre esse catafalco alvejava lividamente, deitado de costas, um cadaver nu, em cujo flanco se arrojavam os

labios mal unidos d'uma ferida. Era o cadaver do duque; e os labios d'essa ferida hercicamente recebida em face do inimigo gritavam contra a calumnia que ousara pôr em duvida a coragem d'um Luynes. Impressionada, e respeitosa, a multidão destilou deante do catafalco. A honra dos Luynes estava salva.

Da epopeia á opereta o salto é vertiginoso. Por isso como transição, antes de lhes fallar no *Marido da Rainha* e no *Cadeado*, ultimamente representados nos Buffos-Parisienses e no Palais-Royal, duas palavras acerca do *Pater*, de Coppée, que o sr. ministro da instrução publica, de accordo com a commissão de censura, acaba de prohibir que se represente na *Comédie Française*. O *Pater* é um drama em verso, em um acto!

Nada ha como viver em republica para se gozar d'uma boa tyrannia! Se um caso d'estes se desse no nosso paiz, aí, pae do ceu, que alarido! A liberdade do pensamento manietada! Uma mordaca na bocca dos escriptores! Toda a velha tropa fundanga dos tropos e metaphoras em mobilisação!

Pois aqui, meus senhores, sob o governo d'aquella que usa um barrete phrigio, a coisa é simples como bons dias. O ministro lê o manuscrito e a postilla-o a lapis á margem. — « Não autoriso a representação! » O autor nem mesmo recebe um officio, em bastardinho mimoso. Uma despedida secca, a ordem a um creudo de se pôr na rua!

Lí o *Pater* de *Figaro*. A situação principal tem o defeito de se parecer um pouco demas com a linda scena dos *Miseráveis* em que a irmã Simplicia mente a Javert para salvar Jean Valjean. Mas os versos são quentes, vibrantes, vigorosos e familiares, como todos os de Coppée e quanto aos perigos da representação para a ordem publica, o leitor que julgue. Eis em trez linhas o enredo.

E' nas ultimas vascas da Communa. O padre Morel, um santo, foi fusilado com outros refens, na carnificina da rua Haxo. Sua irmã, que lhe havia dedicado a existencia e que era para elle uma segunda mãe, entrega-se a um desespero invencivel, que a leva á blasphemar, á duvidar da eterna bondade divina. Debalde um velho cura, amigo do martyr, procura consolal-a. Na sua dor, a infeliz expande-se em juramentos de vingança e em palavras de odio contra os algozes. O velho padre retira-se, depois de algumas palavras severas, ordenando-lhe que se prostre e peça perdão a Deus pela oração.

Ajoelhada deante do crucifixo, ella procura articular o Padre Nosso, cujas phrases de esquecimento e de perdão revoltam na sua alma os instinctos de vingança e de rancor mal domados. N'isto a porta abre-se bruscamente, e um federado, um chefe dos revoltosos, entra pedindo asylo, perseguido a curta distancia pelos soldados.

No primeiro instante, o odio faz explosão no peito da infeliz. E' um dos assassinos do seu irmão que ella tem nas mãos, que ella va entretegar ao pelotão vingador, que o fusilará como a um animal feroz. A scena é bella e as phrases que se trocam são apaixonadas e vehementes. « Chamas-te christá, diz-lhe por fim o vencido, e vendes o proscripto! » Ouvem-se perto os passos dos soldados. Então, á pressa, ella faz-lhe vestir a sotaina, e pôr o chapéo do sacerdote morto. Quando os militares entram, procurando o communista evadido, ella responde-lhes que não viu ninguém, nem tão pouco seu irmão alli presente. Em seguida, quando os soldados se retiram, fal-o evadir sob os trajos do morto, e, despedaçada por aquelle horrivel combate intimo, cae de joelhos balbuciando as ultimas palavras da oração interrompida.

Não tenho tempo para voltar ás operetas que fizeram de resto um fiasco assaz lamentavel. Alguns ditos sobrenadaram aqui e acolá, aos quaes os actores procuraram agarrar-se com a ancia

de naufragos. De nada lhes valeu o esforço, e o choro recebeu seus corpos e almas.
Meus senhores e senhoras, até 1890.
Boas festas, alegres consoadas, e que Deus nosso senhor os livre da influenza.

GIESS.

AVISO

A epidemia que tem grassado com tanta intensidade em Paris, pondo em desordem todos os serviços, não só nos priva hoje da CHRONICA do nosso director Mariano Pina, que há quinze dias se vê perseguido pela terrível « influenza », — mas até nos impossibilita de distribuir hoje a todos os nossos Assignantes o frontespicio e índice respectivos ao 6.º volume da ILUSTRAÇÃO, que finaliza com o passado numero da nossa revista. Serão distribuídos com o proximo numero, — pelo que pedimos mui desculpas a todos os Assignantes da ILUSTRAÇÃO.



POEMAS D'UM NEVROTICO

DIÁRIO DE BORDO

A' Branca Estrela, influída d'este livro

Kyrie eleison!
O vento reza a sua antiphona...
Soluça o mar... *Kyrie eleison!*

Nunca te vi, meu sonho! mas que importa?
Tu não és para mim um sonho apenas.
Uma nevrose, uma esperança morta.

Como um bando de rosas e acucenas
Que deixassem no ar (Deus lhes dêse azas!)
O perfume subtil das suas pennas.

Assim o amor estranho em que me abraças
Vem de tão longe reanimar-me as creanças...
E a Creança é como o olibano entre as brazas...

O mar suspira... O vento canta
Uma tristíssima canção...
Embora! ao largo o coração!

Perco a terra de vista... Brumas densas
A separam da liquida planura.
Ficam longe os miasmas, as doenças,

Oídis, traições, — toda a miséria escura
Que me aguarda outra vez... Ah! se eu ficasse...
Côr da esperança é esta sepultura.

Não que o teu doce amor me abandonasse:
Mas só aqui, ao som d'esta harmonia,
Posso fallar contigo, face a face,

Águas verdes, cheirando a marezia...
Na mente mais visões... no céu mais astros...
E lá em terra que monotonia!

E' alli que eu trago o espirito de rastros...
E também lá o sopro das tormentas.
Ao baixel da Chimera abate os mastros.

Bem hajás tu, ó mar, que me acalentas
Com teus barbaros hymnos grandiosos,
Que as nuvens andam a escutar, sedentas!

E tu, sol dos meus dias procellosos,
Tu, refugio das almas transviadas,
Amor! bem hajam teus clarões piedosos!

Oh! como o vento canta e chora
A sua lugubre canção!...

Elle canta nas vagas enfundadas,
E o *yacht* gentil inclina o flanco
Sobre as ondas de espuma engrinaldadas.

Depois, galgando-as n'um airoso arranco,
Sacode o pavilhão que á ré fluctua,
Da côr do firmamento, azul e branco.

E enquanto eu phantasio a imagem tua,
Vae-me embalando o merencorio som
D'este concerto, em que o desejo estua.

E o vento geme como a onda:
Kyrie eleison! Christe eleison!

Senhor, tem compaixão de nós! *Kyrie eleison!*
E tu, que invocam sempre os naufragos afflictos,
Tem piedade de nós, Jesus! *Christe eleison!*

Mas, porque chora o mar, como os proscriptos:
Que magoa opprime a natureza inteira?
Porque este côro de plangentes gritos?

Se tudo vae correndo após a esteira
D'um fugaz ideal, ó Natureza,
Não souo inda a hora derradeira!

Batida da tormenta em furia accesa,
Breve se erriça a juba do oceano.
E o captivo leão terá sua presa.

De nada vale um desespero insano.
A paixão torna o espirito sombrio,
Mas a esperança é allivio soberano.

Quando me assalta da descrença o frio,
Ante os carinhos d'esta Mãe amavel
Eu recobro o meu animo... e contio.

Oh! adorada mãe, Mãe admiravel!
De teus seios eburneos se desprendem
Torrentes de volupia incomparavel.

São teus olhos suavíssimos que accondem
Estes clarões da nossa phantasia,
E a dôr que busca naufragar suspendem.

E' teu sorriso o Verbo que nos guia,
E a Torre de marfim teu corpo augusta,
— Corpo que eu de mil beijos cobriria.

E' teu sangue real, teu sangue adusto,
Que no espirito em ondas se desata,
Quando vacilla o coração robusto.

E assim, como a visão que me arrebatu
Natro de ti meus versos gloriosos,
Mãe inviolada, Mãe intemerata,

Que os olhos fias n'este amor, piedosos!

Corre a noite seu véo pela amplidão...
E' esta a hora dos desejos vagos...
Hora solemne da recordação!

Sim, és tu! que eu hem sinto os teus afagos!
Sois vós minhas saudades reprimidas,
Intimos prantos, crystallinos lagos

Onde vejo com magoa reflectidas
Todas as sombras que animei outr'ora,
Todas as minhas illusões perdidas!

Hoje... quem sabe? As lagrimas da aurora
Orvalham sempre novas sepulturas...
O' tristes ondas, soluçae agora!

Mas o vento susteve as amarguras,
E o mar, exausto d'uma lucta ingloria,
Mudo contempla as célicas alturas.

Viu em sonho os tropheus d'uma victória...
Supplicou e gemeu... mas a agonia
Destruiu-lhe essa imagem transitória.

Sombra e silencio!... funda calmaria!...
E o meu othar absorto, extasiado,
Fina as constellações do Meio dia...

Já no extremo horisonte dilatado,
Achernar sobre as ondas appareceu,
E o Indio surge, com a flecha armado.

Fomalhôt mais altiva resplandece,
E a Corôa do Sul tranquillamente
Nas aguas lisas fluctuar parece.

Ergue Rigel seu vulto no oriente;
Vae subindo Bellatrix, e Aldebara
Trémula esparge o seu clarão ardente.

A oeste o firmamento é uma seara
Luminosa, phantastica, infinita...
Messe de estrellas, qual a mais preclara.

• Lá fulgura Deneb e a luz se agita
De Altair, a formosa entre as formosuras...
Vega, mais pura, também lá palpita.

E a minh'alma vencida como as rosas,
Que o nordeste beijou, cêe moribunda,
Contemplando as espheras luminosas.

Aspiração! que és tu, ancia profunda?
Quando o espirito ousado se desvela
Por attingir-te, é quando mais se afunda!

Mais... e sempre... E esta angustia hei de bebel-a,
E, como o oceano, a dôr suffocarei!
O' meu senho e meu norte, unica estrella.

Nunca te vi! Ah! nunca te verei!

Findou n'um grito esta canção...
E eu sinto morto o coração.

NARCISO DE LACERDA.



AS NOSSAS GRAVURAS

O novo anno

O TEMPO, o velho e barbudo Tempo da lenda, de pé, a sua elevada estatura destacando-se sobre um fundo radiante d'aurora, feroz e rapido na sua carreira sem fim, desce o primeiro degrau do Anno que começa, e nos seus braços estendidos, mostra-nos o novo anno, representado n'uma creança que parece um d'aquelles risinhos *bambinos* que se veneram nas capellas d'Italia.

Tudo é mysterio. Nem a fronte grave do velho, nem a mascara que cobre o rosto da creança, nem mesmo a saudação que nos envia, nada deixa adivinhar o que pode conter 1890, do promessas ou de ameaças...

Nos esperamos e desejamos do fundo do coração, que esta saudação seja um feliz presagio para todos os nossos leitores e para todos os nossos collaboradores; e que elle valcine a realisação de todos os seus desejos, e o cumprimento das sonhadas felicidades.

E desejando, com o novo anno, as maiores venturas aos nossos leitores e aos nossos collaboradores: que as damas tenham sempre em abundancia, flores, toilettes, joias e bailes, e uma frescura e uma mocidade imarcesciveis; que os homens tenham sempre boa meza, bons livros, bons charutos, e boas notas do banco; — nós desejamos tambem nunca desmerecer as sympathias do publico, e que a ILUSTRAÇÃO continue vida prospera, como teve durante os seis annos que acabam de finalizar.

A encantadora allegoria do novo anno com que abre este setimo volume da ILUSTRAÇÃO, traz a assignatura de Jacques Wagrez. É o nome d'um delicado pintor, da escola de Luc Olivier Merson, que se inspira da Renascença na decoração das suas pinturas. Encontramos-lhe as mesmas brilhantes quali-



RUY BARBOSA
MINISTRO DA FAZENDA



BRAZIL. — O PALÁCIO DE PETROPOLIS.
(Residência de verão do Imperador.)

dades, no bello desenho à penna que hoje nos serve de frontespício.

Os acontecimentos do Brazil

A ILUSTRAÇÃO continúa no presente numero a série dos seus documentos artisticos acerca dos acontecimentos que se passaram no Rio de Janeiro, no dia 15 de novembro, quando rebentou a revolução que aboliu a monarchia e proclamou a Republica.

As gravuras que hoje publicamos devem-as a elementos particulares que nos foram communicados do Rio de Janeiro, pelos nossos amigos Eduardo Garrido, o espirituoso auctor dramatico, e José de Mello, o nosso activo e sympathico correspondente na capital fluminense. Esses elementos cedemol-os ao nosso prezado collega parisiense, *Monde illustre*, que, graças à actividade dos seus collaboradores, os poude dar a lume no dia 21 de dezembro findo. Eis por que não puderam apparecer no nosso passado numero.

As primeiras gravuras representam o palacio de Petropolis onde se achava o imperador e toda a familia imperial quando tiveram noticia da revolução; e o palacio de São Christovam, residencia do imperador no Rio de Janeiro, e onde o imperador recebeu a proclamação do marechal Deodoro da Fonseca, onde lhe era annunciada a abolição da monarchia, e a proclamação da Republica dos Estados-Unidos do Brazil.

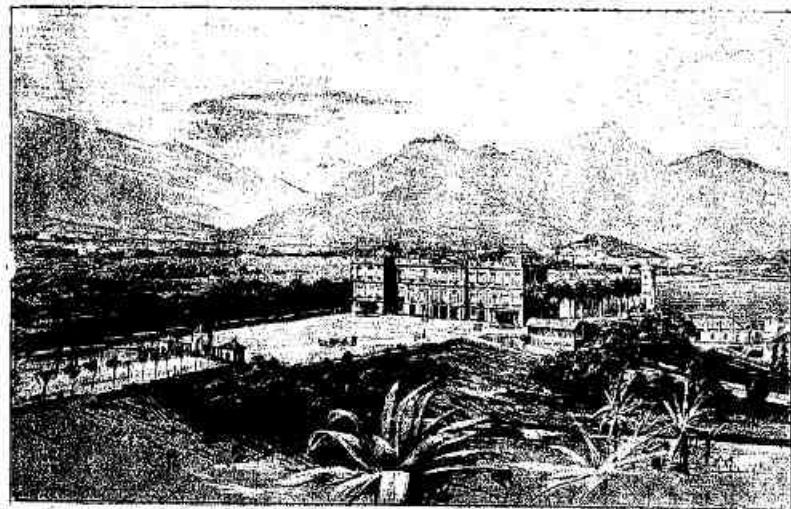
Outras gravuras representam o attentado contra o barão de Ladorio, ministro da marinha do governo imperial; e a proclamação da Republica, em frente do quartel general do Rio de Janeiro.

O attentado contra o barão de Ladorio — se attentado se lhe pode chamar — teve lugar no dia 15 de novembro, dia da revolução. O ministro da marinha sahia pela manhã, cerca das oito horas, do quartel general do Rio, para dar ordem ás tropas para resistirem contra os choques da revolução. Neste momento chega um official da parte do marechal Deodoro, para prender o ministro. Este tira d'um revolver, e faz fogo contra o official. Immediata-

mente chega o marechal Deodoro da Fonseca para prender o barão de Ladorio, e este dispara outro tiro contra o marechal. Então os soldados que seguiam o marechal Deodoro da Fonseca desfecharam contra o barão de Ladorio, deixando-o gravemente ferido.

Eis a unica scena de sangue provocada pela revolução brasileira. E' decerto não se teria dado, se o barão de Ladorio se tivesse submettido ao movimento revolucionario, com a mesma bonhomia com que o fizeram outros ministros do imperador, que só depois de se apanharem sãos e salvos na Europa, é que se mostram terríveis contra aquelles que proclamaram a Republica no Brazil.

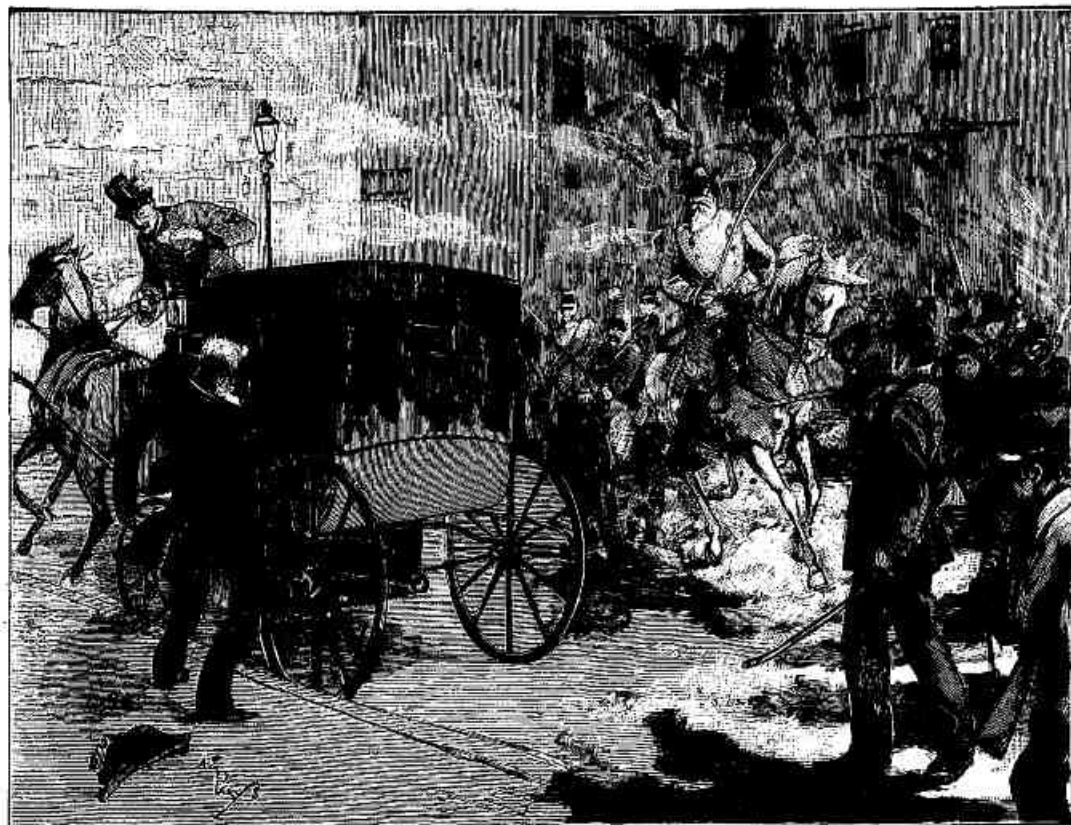
Para completar a série dos retratos dos homens politicos do Brazil agora mais em evidencia, publicamos os retratos dos srs. Eduardo Wandenkolke, ministro da marinha; dr. Aristides Lobo, ministro do interior; e dr. Demetrio Ribeiro, ministro da agricultura; — assim como repetimos o retrato do sr. dr. Ruy Barbosa, attendendo a que pelos documentos que recebemos agora do Brazil, o retrato



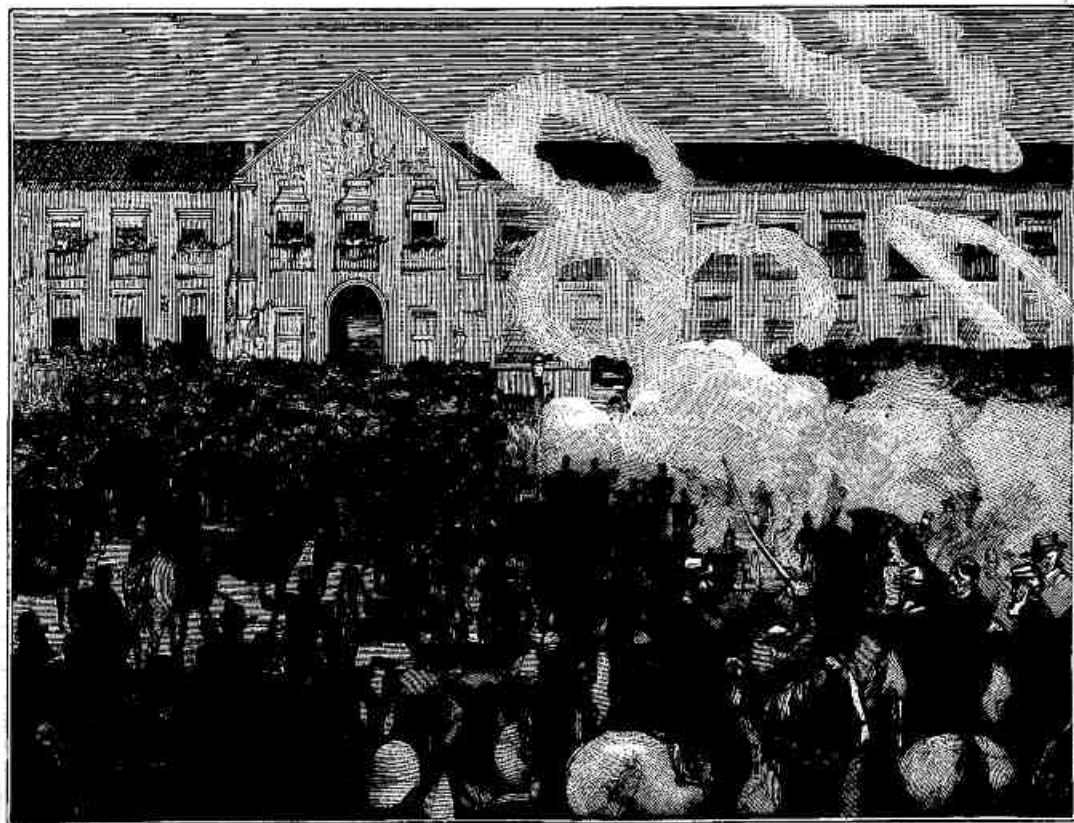
RIO DE JANEIRO. — O PALÁCIO DE SÃO CHRISTOVAM.
(Residência do Imperador.)



EDUARDO WANDENKOLKE.
MINISTRO DA MARINHA



A REVOLUÇÃO BRAZILEIRA. — ATENTADO CONTRA O BARÃO DE LADARIO.



A REVOLUÇÃO BRAZILEIRA. — PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA NO DIA 15 DE NOVEMBRO.

que do S. Exo. publicamos no numero da ILUSTRAÇÃO de 5 de dezembro findo, muito pouco se parece, por ser tirado d'uma má photographia.

Os retratos que hoje publicamos foram todos escrupulosamente desenhados d'uma folha lithographica.



Dr. Aristides Lobo
Ministério do Interior.

phica que appareceu no Rio, e onde se viam as physiognomias de todos os membros do governo provincial.

Com os retratos do sr. Eduardo Wandenkolk, illustre official da marinha brasileira; do sr. dr. Demetrio Ribeiro; e do sr. dr. Aristides Lobo, antigo republicano radical, jornalista politico dos mais apreciados do Brazil, — julgamos ter dado uma sê-



Dr. Demetrio Ribeiro
Ministério da agricultura.

rie de curiosas e importantissimas gravuras, para satisfazerem cabalmente a curiosidade dos nossos leitores de Portugal, assim como de muitos dos nossos leitores das provincias do Brazil.

E outros documentos que fomos obtendo do Brazil não deixaremos de os dar nas paginas da ILUSTRAÇÃO.

Os mezes illustrados. — Janeiro.

Os nossos leitores fizeram ha annos um tão sympathico acolhimento a uma serie de mezes illustrados por Giacomelli, enquadrando deliciosas e delicadissimas poesias do nosso querido e brilhante collaborador Jayme de Séguier, — que nos pareceu interessante solicitar d'um outro artista parisiense uma nova interpretação dos doze mezes do anno.

D'esta vez não quizamos que o artista estivesse preso á ideia do poeta, ou vice-versa. Deixámos ao artista toda a liberdade da sua phantasia, deixando-o inspirar-se da natureza, procurando traduzir pelo lapis o character, e typo pittoresco, de cada mez.

Na sua composição de Janeiro dovina um vau de patos bravos, cuja silhueta se recorta sobre um céu cinzento e sombrio d'inverno. Os ramos e os braços descarnados das arvores enquadram uma lagoa, que

a gelo cobre d'uma camada espessa; e na paisagem fria e desolada, onde tudo respira silencio e tristeza, nada ha onde palpita a vida, a não ser no vôo precipitado d'essas aves que atravessam rapidamente o espaço, em busca d'outras climas.

Talvez que alguma d'ellas não atravessasse a lagoa solitaria, porque do certo algum caçador occulto está proximo, á espera das aves que passam, batidas dos ventos e das neves...

O auctor d'esta pittoresca composição, como das outras que se vão seguir todos os mezes, é o sr. Habert-Dys, um novo collaborador artistico que a ILUSTRAÇÃO passa a contar com seu collaborador effectivo.

Nós esperamos que os seus mezes illustrados encontrem junto dos nossos leitores o mesmo acolhimento benevolente, e despertem o mesmo interesse, que a outra serie que em tempo publicamos, e que trazia a assignatura de Giacomelli — o delicado desenhador das aves.

Aa composições do sr. Habert-Dys confiámos-as ao buril do notavel gravador parisiense F. Méaulle. O seu nome é a melhor garantia do modo como a gravura reproduz fielmente e brilhantemente o desenho do artista.

Chegada de D. Pedro II a Lisboa

No passado numero da ILUSTRAÇÃO publicamos os retratos de toda a familia imperial, que chegou a Lisboa, a bordo do *Alagôas*, no dia 7 de dezembro. Essas retratos eram seguidos d'uma lagga noticia da recepção que foi feita ao sr. D. Pedro II e á familia imperial, por S. M. El-Rei o sr. D. Carlos I, e pelo governo portuguez.

Parece-nos portanto escusado repetir o que escrevemos no passado numero. Essa noticia, para a qual chamamos a attenção dos nossos leitores, é hoje admiravelmente completada pela gravura que reproduz o desembarque do sr. D. Pedro II, quando a galéa real chega ao arsenal do ministério da marinha.

O desenho do nosso collaborador Gerardin foi feito sobre uma photographia instantanea do sr. A. Bobone, o distincto photographo lisboense que se acha hoje á frente do magnifico atelier Fillon.

O sr. Bobone, por pedido do nosso director Mariano Pina, accitou o encargo de ser correspondente em Lisboa do *Monde Illustré* de Paris, e por consequência da ILUSTRAÇÃO, attendendo ás relações intimas que ligam a nossa revista ao grande jornal parisiense.

D'aqui lhe agradecemos sinceramente a photographia instantanea que nos mandou para Paris, e que deu assumpto para a pagina que hoje publicamos, e que ficará como um dos mais interessantes documentos para historia do reinado do sr. D. Pedro II.

A estatua de Balzac.

A cidade de Tours, patria de Balzac, antecipou-se a Paris na elevação d'uma estatua ao grande auctor da *Comedia humana*.

Enquanto em Paris se reúnem todos os mezes comissões e mais comissões de homens de letras para escolherem o melhor local para a estatua do romancista, e para estudarem o melhor programma d'uma festa onde se reúnam mais algumas notas de mil francos, necessarias para terminar o monumento, — a cidade de Tours encomenda a sua estatua ao escultor francez Paul Fournier, e inaugura solemnemente sobre a praça do Palacio de Justiça, no dia 24 de novembro findo. Assistiam a esta cerimonia o *maire* de Tours, que pronunciou um bello discurso; todas as auctoridades do departamento; o sr. Larroimet, director do ministério das Bellas-Artes; Milo Dudlay, do Theatro Francez, que foi expressamente a Tours para recitar uma bella poesia do estatuario, pois que o sr. Paul Fournier é ao mesmo tempo escultor e poeta, etc.

Não tomou espaço para dar aos nossos leitores toda essa poesia, d'uma quante e vibrante inspiração. Passamos a transcrever apenas o final, e que foi acolhido com calorosos applausos:

O souffle ardent, grand cœur, esprit géant, immense,
Qui de nos passions nous montre la dévotion,
N'ignore rien de l'homme en ses moindres ébats
Ni plaisirs, ni douleurs, ni les rudes combats.
Qu'il vive et qu'il subit sans retard sur terre;
Balzac, de ton génie, un monde est tributaire.
La Touraine, ta mère, au fond de sa cité,
Cielte sur l'airain ton immortalité,
Et la France, en ce jour de gloire, où l'on t'acclame,
Veu! en toi son esprit et reconnaît son âme!

Mais adiante publicamos uma bella pagina de Victor Hugo acerca da morte de Balzac, e para a qual chamamos a attenção dos nossos leitores. É a morte do genio da *Comedia Humana*, em toda a sua naturalidade, mas descrita com a sobriedade epica do genio que escreveu a *Leuza dos Seculos* e *Notre Dame de Paris*.

A cidade de Tours, além da estatua de Balzac, conta hoje as estatuas de Rabelais e Descartes, e dois monumentos á memoria de duas glorias medicas — Bretonneau e Velpeau.

Recordações da Exposição

Os ultimos acontecimentos do Brazil tem-nos impossibilitado de dar uma maior extensão ás nossas gravuras da Exposição de Paris, gravuras que continuam a despertar o maior interesse da parte de todos os nossos leitores, pois que constituem o melhor documento historico que existe em lingua portugueza d'esse grande concurso da actividade e do genio humano, no ultimo quartel do seculo XIX.

Hoje mostramos ao publico da ILUSTRAÇÃO uma reprodução, da fonte monumental do escultor Bartholdi, que figurava na galeia d'homen, mesmo á entrada da galeria das machinas. Esta fonte vai ornar uma praça de Bordões. Bartholdi é o mesmo notavel escultor que executou a famosa estatua da Liberdade illuminando o mundo, e que se vê á entrada de Nova-York.

Uma outra gravura representa uma dança guerreira dos fillos do Sudán, que tambem vieram exhibir os seus costumes sob uma tenda da rua do Cairo.

É mais um documento ethnographico da serie extraordinaria dos exóticos que Paris viu desfilhar, durante todo o anno que findou, no Campo de Marte e na Esplanada dos Invalidos.

Nos numeros seguintes a ILUSTRAÇÃO espera terminar a sua brilhante serie de gravuras acerca da Exposição de Paris.

Para esse não fim hesitamos em sacrificar algumas paginas de prosa, e ceder o lugar a interessantes composições artisticas dos seus eminentes collaboradores.

O TESTAMENTO

D'UM MODERNO

COMO é que cada povo fugiu ao mal?...
O Hindu? por um deliquio no immenso Todo.

O Asiático? pelos prazeres desordenados.

O Egypcio? pela preocupação da morte, e pelo cuidado da conservação individual do corpo.

O Judeico? pelo cuidado de agradar a Jehovah.

O Grego? pelas paixões civicas, pela actividade artistica, pelos prazeres estheticos e amorosos.

Os homens da Edade-media? pelas rezas, maccarações, e pela esperança d'uma reparação no reino de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

Os grandes homens sacrificam voluntariamente a sua existencia individual á vida da especie. Morrendo para si proprios, vivem na humanidade. Ora esse heroismo é um facto de sagacidade. É uma fortuna para um homem, sobreviver n'uma existencia mais elevada, sob uma forma larga, mais proxima de Deus.

Os nossos espiritos modernos começam a encerrar a supressão do mal pelo desenvolvimento do amor dos humanos.

De todos os Deuses do Olympo, o que eu prefiro é Apolo, pois que era elle que presidia á paz, ás bellas-arts, á sciencia, á luz emfim — nos dois sentidos, proprio e figurado.

Viver na inferioridade geral, servir-se d'ella em vez de se indignar, assegurar a prosperidade relativa da nação, praticar os compromissos, aceitar as imperfeições, tudo isto vale mais, do que implantar violentamente uma constituição philosophica sobre uma nação insufficientemente preparada.

Sejamos modernos. Não imitemos a arte de nossos avós, não copiemos os seus pensamentos; elles foram do seu tempo: façamos como elles.

As corridas representam o exaggero, o fim da cavallaria. O cavallo já não serve, como outr'ora, o homem nobre: domina-o.

A mais aristocratica das nossas sociedades d'homens chama-se « Jockey-Club! »

O jockey um ideal! ... E muitos gentilem trazem como joia, sobre o peito, a ferradura do cavallo, o que elle tem de baixo das patas! ...

Felizmente que o animal não comprehende a abjeção do homem, não conhece este vergonhoso amor...

E preciso não tentar o impossivel, é inutil procurar penetrar os segredos acima da nossa natureza. Não imitemos estas creanças de que falla Platão, que querem saltar por cima da sua sombra.

No fundo do christianismo, ha o communismo. As primeiras egrejas eram verdadeiros phalansterios: o convento era o socialismo em acção.

O buddhismo exprime em termos muito inergicos o abandono do mundo: « Assim como uma gota d'agua, diz Buddha, não fica presa a uma flor do lotus, assim tambem não vos deveis prender, nem ao bem, nem ao mal. »

E por isso que o buddhismo não tem o caracter aggressivo e violento do Evangelho: não procura a conversão; a sua acção é uma influencia, uma indução negativa, o somno das energias.

O homem é nada, — a humanidade pouca coisa, — se a terra, é uma totalidade.

A moral é o pequeno sacrificio quotidiano que nós fazemos á nossa felicidade e aos nossos prazeres, para assegurar a felicidade da especie.

A posse pelo homem da energia terrestre é o facto capital do seculo, o que ficará vis-à-vis dos outros, como sendo a sua caracteristica.

Desde os tempos historicos, comparem o carro d'um Pharaó com a locomotiva cujos pistons realiam a vontade o trabalho de 600 cavallos.

Comparem a trirreme phenicia ao apparellho motor d'um transatlantico, que desenvolve 8000 cavallos e o equivalente de 50.000 remadores.

Apesar do que dizem os inuteis sonhadores, acho bella uma machina de vapor, admiravel o mechanismo d'um steamer.

Estes organismos de precisão, que se movem, que tem quasi consciencia, parecem-me bem mais surpreendentes, mais dignos de commover os corações, que todas as obras da arte antiga.

O engenheiro, o mechanico, o philosopho, diante d'uma machina d'aço, deslumbrante e forte, quasi animada, estremecem de alegria, o coração palpita-lhes — pelo mesmo motivo, ou mais legitimamente, que Pygmalión diante da sua estatua.

Como a historia do mundo é mal feita, — sempre limitada ás particularidades, ás batalhas, aos factos da galanteria ou do odio! ...

Guttenberg inventando a imprensa, — Lavoisier dando a theoria da combustão, — Duvy decompondo os alcalis, — Faraday liquefazendo o primeiro gas permanente, — Dalton estabelecendo a theoria atomica, — Sauvage ensaiando a sua helice, — Montgolfier pondo o pé na barquinha, — Papin notando o facto do vapor, — Laplace dando a sua Exposição do sistema do mundo, — Leverrier calculando a orbita de Neptuno, — Edison imaginando o telephone, — Pasteur fazendo a sua primeira inoculação d'um virus attenuado, — Berthelot compondo os carburetos d'hydrogenio, etc... não serão acontecimentos mais capitais, sob o ponto de vista da humanidade, do que as datas famosas do reino de Luiz XIV, ou os factos e gestos de Napoleão? ...

Não acreditemo demasiadamente nos grandes homens da historia; pensem antes que elles não são mais do que uma concretização, a synthese do trabalho das nações e dos seculos.

A antiguidade considerou, com uma alma simples, os annos humanos. Condensou as suas phrases, os seus soffrimentos, as suas luctas, as suas alegrias, em certos tipos.

Orpheo, Buddha, Hercules, Moisés, Homero, Romulus, Numa, são talvez em grande parte seres ficticios.

Jesus é tambem uma condensação visivelmente artificial das sabedorias antigas, do essentialismo de Platão e Pythagoras, do Egypto e da Asia.

No mundo moral, como no mundo physico, a distancia produz deformações de perspectiva, certos agrupamentos irreais. Grandes focos distinctos apparecem, ao longe, como sendo a mesma fogueira; systemas d'astrós reflectem-se, na visão, como sendo uma só estrella.

JEAN REVEL

A ACLAMAÇÃO DE EL-REI

Um decreto do dia 16 de dezembro ultimo fixou aos 28 do mesmo mez a aclamação do novo soberano de Portugal.

Estão ali indicadas as disposições do ceremonial que deve ser adoptado.

Este decreto em certos pontos liga o actual systema constitucional com o antigo regimen monarchico: e por isso merece alguns comentarios. Vamos fazer-os, tanto mais que o sr. D. Luiz desprezou parte das formalidades tradicionais, e que ha já 28 annos (1) que semelhante cerimonia se não realisou em Lisboa.

A aclamação portugueza lembra o sacro francez por pareçoças do que por differenças. Isto é naturalissimo por, que diz respeito ás origens da monarchia em França e em Portugal. Enquanto os puros legitimistas francezes reconhecem nos direitos do principe uma proveniencia divina, os realistas portuguezes sabem todos quando, como e por quem, os seus reis foram creados. Quando nos campos de batalha de Ourique, em 1139, ou em Valdeves, em 1140, os soldados portuguezes aclamaram o seu chefe vencedor, não abdicaram do modo algum os direitos que lhes conferia a parte que elles tinham tomado na lucta redemptora.

Mais tarde, foi ainda a nação representada pelas Côrtes, que elegeu rei o principe D. João I, no dia 6 de Abril de 1385.

Em 1640, quando os Portuguezes expulsaram os Hespanhoes, não foi por força que reconheceram os direitos eventuaes da casa de Bragança. Tinham comprehendido que a monarchia era uma salvaguarda para a independencia, e aclamaram livremente D. João de Bragança, membro mais ou menos afastado da antiga dynastia portugueza. Foi só o povo quem todo fez, e o principe da sua escolha só teve que se inclinar perante a vontade dos seus concidadãos. Quem se não lembra que no momento em que Portugal procurava anxiosamente um homem que personificasse a nação diante da Europa monarchica, D. João IV hesitava? Um dia em que elle interrogava sobre o assumpto sua esposa D. Luiza de Guaman, ouviu da sua boca esta resposta tão activa: « Antes hum dia Rey que toda a vida duque. »

(1) O sr. D. Luiz prestou juramento no dia 22 de Dezembro de 1861.

Nestas condições os Reis de Portugal não podem ter nenhuma pretensão ao direito divino, e é para bem lembrar e confirmar o direito popular que elles se fazem aclamar por uma representação qualquer do povo, — antigamente pelas tres brancas, hoje pelas camaras dos Pares e dos Deputados.

O decreto de 16 de Dezembro ultimo é conforme com esta tradição.

O novo soberano, D. Carlos, e Dona Amelia de Orléans, sua esposa, revestem o manto real. — Na aclamação da rainha D. Maria I, este manto attingia um comprimento de 22 palmos; era de « tafetá » tecido com fio de prata e recamado com lantijo — las, canutilhos, o palhete « (1).

O infante D. Alfonso, irmão do sr. D. Carlos, serve de condestavel do reino, apesar de só contar 24 annos de idade. Estamos longe dos tempos em que esta alta função era confiada ao septuagenario D. Nuno Alvares Pereira, o heroe das batalhas dos Atouzeiros (1384) e de Valverde (1385).

Don Nuno Alvares, digno, verdadeiro
Açoute de soberbos castelhanos. (2)

Encontra-se porém na historia de Portugal um condestavel mais moço que o actual. E o principe D. João, — depois D. João VI, — que figurou como condestavel na aclamação de sua mãe D. Maria I, em 1777: tinha então 10 annos de idade!

No palacio das côrtes construiu-se, como outr'ora, um throno; e collocou-se ao lado uma credencia com a corôa e o sceptro real, a bandeira real, o estoque do condestavel do reino, um crucifixo e um missal.

E' sobre este missal e sobre este crucifixo que o soberano presta juramento. A formula d'esse juramento fixada pela constituição é assim concebida: « Juro manter a religião catholica, apostolica, romana, a integridade do reino, observar e fazer « observar a constituição politica da nação portu- « guesa e mais leis do reino, e prover ao bem geral « da nação quanto em mim couber. »

Os principes d'outro lado juravam d'um modo mais simples e mesmo mais respeitoso do direito popular. Diziam, — o sceptro na mão esquerda como em 1889, a mão direita posta sobre o Livro Sagrado: « Juro e prometto com a graça de Deos « vos reger, e governar bem, e direitoamente, e vos « administrar directamente justiça, quanto a hu- « mana fraqueza permite; e do vos guardar vos- « sos bons costumes, privilegios, graças, mercês, « liberdades e franquezas, que pelos Reis Meus « Predecessores vos foram dados, outorgados, e con- « firmados. »

Antigamente um ministro secretario de Estado, — hoje substituido pelo presidente da Camara dos Pares, — devia conservar-se de joelhos diante do principe que prestava o juramento.

O alferes-mór, portador da bandeira real, dirige-se, terminado o juramento, á varanda central do palacio das côrtes. E' acompanhado pelo Rei-d'armas, que grita ao povo: « Attenção! attenção! attenção! »; o alferes-mór acrescenta: « Real! « Real! Real! pelo muito alto, muito poderoso, e « Fidelissimo rey de Portugal e Senhor dom Car- « los I. »

Em 1777, o rei-d'armas Portugal, Antonio Rodrigues Leão, appareceu ao centro da immensa columnata de 28 arcos que ornava a varanda construida por Matheus Vicente de Oliveira na praça do Commercio. O rei-d'armas gritou ao povo: « Ouvide! ouvide! ouvide! estai attento! » e o alferes-mór repetiu: « Real! real! real! pela muito « alta, muito poderosa a Fidelissima Senhora Rai- « nha Dona Maria Primeira, Nossa Senhora! »

Quanto tudo isto está longe do espectáculo que deviam offerecer as côrtes de Lamego quando os representantes do povo exclamavam, brandindo as espadas suas: « Nós somos livres, o nosso Rei « é livre; e queremos que assim seja para nós o para « a sua descendencia depois de nós. — Nos liberi « sumus, rex noster liber est; ita volumus per nos et « per semen ejus post nos! »

Depois da aclamação do novo chefe do Estado, celebrou-se um solenne Te-Deum. Mas nota que a Missa do Espirito Santo foi supprimida. Em 1777, houve uma missa cuja musica foi especialmente

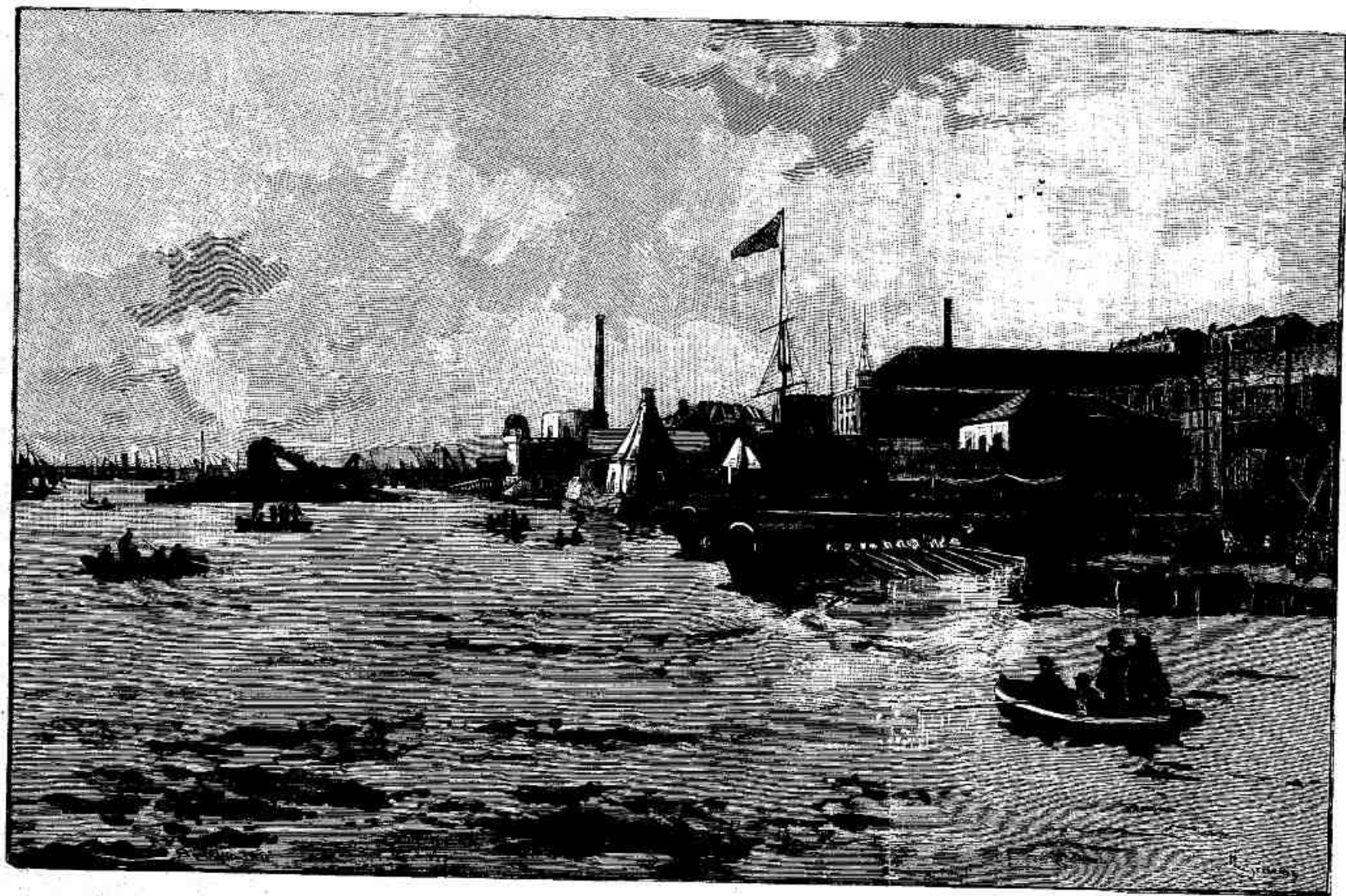
(1) Antão do levantamento e juramento que os Grandes... e mais pessoas... fizeram... a senhora D. Maria I. — (Lisboa, 1780, pag. in-4.º). — Todos os pormenores sobre a aclamação do dia 13 de maio de 1777 são tirados d'esta obra.

(2) Curiosas, Lus. IV, 24.



OS MESES ILUSTRADOS. — JANEIRO.

Composição de Habert-Dys.



LISBOA. — O DESEMBARQUE DO IMPERADOR DO BRAZIL, NO DIA 7 DE DEZEMBRO, NO ARSENAL DE MARINHA.

(Desenho de Gerardin, segundo uma photographia instantanea do sr. Bobanc.)

escrita por Antonio Leal Moreira, deputado ajudante dos mestres do Real Seminario.

Tambem no decreto da actual aclamação se não falla do banquete que era de uso offerecer depois da cerimonia. Na aclamação de D. Maria I, servio pela primeira vez a « riquissima e copiosa haixela » feita... na Corte de Paris pelo celebre artista Germain por especial ordem de El-Rey o Senhor D. José. Lembra-se de passagem que este Rei commendou a Thomas Germain diversos serviços de prata completos; e por este facto que a corte do Brazil, desde o tempo de D. João VI, possui uma haixela de prata que realmente pertence a corôa portugueza, como lembrava ultimamente o *Correio da Manhã* de Lisboa. E' tambem por isso que se encontram na Europa as peças d'um bellissimo serviço de *toilette* que foi despojado da chegada de Junot a Lisboa, no commeco d'este seculo; ha muitas d'estas peças em casa do Exmo. Marquez de Gallard, em França, e no palacio de Peterhof, na Russia (1).

O decreto de 1889 não mencionava o lugar que devia occupar a Senhora Dona Maria-Pia, viúva do Sr. D. Luiz: em 1777, a Rainha-Mãe assistiu á aclamação de sua filha, mas de dentro d'um camarote fechado.

Deixei de Indo muitos detalhes da cerimonia da aclamação, omitti a citação dos numerosos personagens que ali devem figurar, o mordomo-mor, o escribeiro-mor, os moços fidalgos, os vedores, etc., funcionarios d'outros tempos que nos trazem a memoria todas as glorias do velho Portugal.

O que eu desejei fazer notar, foi que esta pomposa cerimonia deve lembrar unicamente ao principe os deveres que a sua elevação ao throno lhe cria para com a nação, que renova o contracto synagmatico formado outr'ora entre o povo portuguez e a casa real. Desempenhando voluntariamente o papel do escravo nos triumphos da Roma antiga, grito, como este, aquelle que poderia embriagar-se com as glorias da aclamação: *Lembra-te que és homem!*

L. CARDOSO DE BETHENCOURT.



MORTE DE BALZAC

A 18 de agosto de 1850, minha mulher que tinha sahido durante o dia para visitar madame de Balzac, disse-me que o sr. de Balzac estava a morrer.

Balzac soffria havia mais de oito mezes de uma hypertrophia de coração. Depois da revolução de fevereiro, tinha ido á Russia e lá casara. Alguns dias antes da sua partida, encontrara-o no *boulevard*; já andava queixoso e respirava com difficuldade. Em maio de 1850 voltou a França, casado, rico e moribundo. Quando chegou, já tinha as pernas inchadas. Consultou quatro medicos: auscultaram-no. Um d'elles, Louis, disse-me a 6 de julho: Não vive seis semanas. Era a mesma doença de Frederico Soulié.

A 18 de agosto meu tio, o general Luiz Hugo, juntou commigo, em minha casa. Apenas me levantei da mesa, deixei-o e tomei um trem, que me conduziu ao bairro Beaujon.

Era ali que morava Balzac. Tinha comprado o palacio do sr. de Beaujon — alguns edificios baixos, salvos, por acaso, da demolição; mobiliara aquelles casebres e tornara-os n'uma habitação encantadora, com porta para carruagens do lado da avenida de Fourtunée, tendo por unico jardim um pateo comprido e estreito, onde a calçada era aqui e ali interrompida por alegretes.

Toquei á campainha. Havia luar velado de nuvens. A rua estava deserta. Não veio ninguém á porta. Bati segunda vez. A porta abriu-se e appareceu-me uma creada com um castical na mão. O que quer o senhor? perguntou ella. Estava a chorar.

Disse o meu nome. Mandaram-me entrar para a sala, que era no rez do chão, e onde vi sobre um bufete fronteiro ao fogão um busto colossal de Balzac, feito de marmore e obra de David. Estava uma vella accessa sobre uma rica

meza oval, posta no meio da sala, e cujos pés eram seis estatuetas douradas, do mais lindo gosto.

Appareceu outra mulher, tambem a chorar, e disse para mim:

— Está a morrer. A senhora recolheu-se agora ao seu quarto. Desde hontem que os medicos o abandonaram. Tem uma chaga na perna esquerda. Começou-lhe a gangrena. Os medicos não sabem o que fazem. Dizem que era uma hydropsia lardacea, uma infiltração, foi a palavra que disseram, que a pelle e a carne estavam como o toucinho, e que não se podia fazer a punção. Pois no mez passado quando o senhor ia deitar-se troçou n'um movel todo cheio de ornatos, esfolou a pelle e escorreu-lhe toda a agua que tinha no corpo. Os medicos ficaram admirados, e d'aquelle dia em diante fizeram-lhe a punção. Disseram commigo: Imitemos a natureza. Mas appareceu-lhe um abcesso na perna. O sr. Roux é que o operou. Hontem foi levantado o apparelho. A chaga, em vez de ter suppurado, estava encarnada, secca, escaldando. Os medicos disseram então: Está perdido; e não voltaram cá. Foram chamados uns quatro ou cinco, mas não appareceu nenhum. Todos responderam: Não ha nada mais que fazer. A noite passou-a o senhor muito mal. Hoje, de manhã, ás nove horas, já não fallava. A senhora mandou chamar um padre. Veiu e deu ao senhor a extrema unção. O senhor fez signal de que percebia. Uma hora depois apertou a mão á irmã, a sr.^a de Surville. Das onze horas para cá tem estado com o estertor e não vê nada. Não passa d'esta noite. Se quizer, vou chamar o sr. de Surville, que não está ainda deitado.

A mulher deixou-me só. Esperei alguns instantes. A luz da vella allumiava escassamente a esplendida mobilia da sala e os quadros magnificos de Porbus e Holbein pendurados nas paredes. O busto de marmore erguia-se vagamente no meio d'aquella sombra, como o espectro do homem que ia morrer. Havia por toda a casa um cheiro a cadaver.

O senhor de Surville veio fallar-me, e confirmou tudo o que a creada tinha dito. Pedi para ver Balzac.

Atravessámos um corredor, subimos uma escada forrada com um tapete vermelho e atulhada de objetos de arte, jarras, estatuas, quadros, credencias com esmaltes, depois outro corredor, e vi uma porta aberta. Sentí um estertor forte e sinistro. Era o quarto de Balzac.

Havia um leito no meio do quarto. Um leito de acaju que tinha nos pés e na cabeceira travessas e correias a indicarem um apparelho de suspensão destinado a mover o doente. Balzac estava na cama, com a cabeça descansada sobre um montão de almofadas, a que tinham juntado os coxins de damasco do sofá. Tinha a cara arroxada, quasi negra e inclinada para a direita, a barba por fazer, o cabello grisalho cortado rente, os olhos abertos e fixos. Via-o de perfil. Assim, parecia-se com o imperador.

Uma velha enfermeira e um creado mantinham-se de pé, aos dois lados da cama. Havia uma lamparina accessa por traz da cabeceira em cima de uma meza, e outra sobre uma commoda, ao pé da porta. Na meza da cabeceira estava um vaso de prata. O homem e a mulher permaneciam calados, como que dominados pelo terror, e escutavam o ruidoso estertor do moribundo.

A lamparina de ao pé da cabeceira projectava viva claridade sobre um retrato de homem novo, côrado e risonho, pendente da parede junto do fogão.

Exhalava-se da cama um cheiro insupportavel. Levantei a roupa e peguei na mão de Balzac. Estava coberta de suor. Apertei-a. Não correspondia nada á pressão.

Era o mesmo quarto onde eu o tinha visto um mez antes. N'esse dia estava alegre, cheio de esperança, crente na cura, e mostrando a rir

a inchação. Tíhamos conversado muito e fallado em politica. Censurava-me a minha demagogia. Balzac era legitimista. Dizia-me: « Como pôde renunciar com tanta serenidade ao titulo de par de França, o mais bello depois do de rei de França! »

Dizia-me tambem: « Tenho a casa do sr. Beaujon, menos o jardim, mas com a tribuna sobre a capella da esquina da rua. Ha na minha escada uma porta que dá para a igreja. Basta mandar abri-la para assistir á missa. Prefiro a tribuna ao jardim. »

Quando me despedi, acompanhou-me até á escada, andando com difficuldade, mostrou-me a porta, e gritou para sua mulher:

— Mostra principalmente a Hugo todos os meus quadros.

A enfermeira disse-me: « Morre ao amanhecer. »

Sahi levando no pensamento aquella physionomia livida; ao atravessar a sala, tornei a dar com os olhos no busto immovel, impassivel, altivo, vagamente radiante, e comparei a morte com a immortalidade.

Quando cheguei a casa era um domingo — encontrei muitas pessoas á minha espera, entre ellas Riza-Bey, encarregado de negocios da Turquia, o poeta hespanhol Navarrete, e o pros. crypto italiano Afrivabene. Disse-lhes: « Meus senhores, a Europa vai perder um grande espirito. »

Morreu n'aquella noite. Tinha cincoenta e um annos.

VICTOR HUGO.

A TOALHA DE CRIVO

[CONTO BRAZILEIRO]

I

FICA entre verdes collinas, passarinhos, e flores, a freguezia das Dóres, no fim dos sertões de Minas.

Muitos annos são passados que essa obscura freguezia duzentos fogos teria, muito por alto contados. Gente que mais se accomode nunca se viu n'outra villa; agita-a e desunil-a n'uma politica pôde. E como dar-se o contrario? A população devota não vota n'um candidato sem consultar o vigário! Aos domingos, sem que um critico ao bom parcho reprove, depois da missa das nove ha sempre sermão politico. Por isso, cada habitante é do partido do padre, e este, embora o mundo ladre, é sempre dominante. E graças a tão profundo systema, é que a freguezia está de perfeita harmonia com Deus e com todo o mundo.

Da policia, o delegado, envolhecido com a vara, de vez em quando prepara lá um ou outro attestado. E, n'essa formalidade, cavaco do honrado officio, cifra-se todo o exercicio da sua longa auctoridade.

Porém o que, sobretudo, dos outros povos distingue povo tão pouco belingue é crer, em tudo e por tudo, que diga o parcho velho embora diga tolice. E' como se a gente ouvisse fallar o proprio Evangelho!

II

Agora o meu conto:

Ha cousa de seis mezes se enterrava certo doente, e deixara gravida a pobre da esposa.

Entre nuvens de alfazema, Maria teve uma filha, melindrosa redondilha, que prometia um poema.

Mas, decorridos uns dias, fica doente a pequerrucha: maternas tetas não chucha; descem-lhe as palpebras frias.

A indefectivel parteira incontinente chamaram:

— Quebranto que lhe botaram! diz a velha curandeira.

(1) *Figaro*, de Paris, n.º 10, sept. 1889.

A mãe, debulhada em pranto, roga a Deus que ao unjo accuda, e pede á « comadre » arruada para tirar-lhe o quebranto.

Asneiras não eram ditas, entra na casa um sujeito, homem grave e de respeito, que tem maneiras bonitas. É um medico da roça, Esculapio de encomenda, que, de fazenda em fazenda, os obituários engrossa. A vontade dos freguezes o referido charlatão é alopatha, homocypatha e desimetrico ás vezes.

— Passel aqui por acaso... Deixe-me ver a menina, diz elle. É tão pequenina! Quero estudar este caso...

De despeitada, a parteira os labios n'um riso ajusta. Mal sabe ella como é justa essa curva zombeteira.

Ausculda o doutor; discorre; e, afinal, abre a botica.

Mas a creança immovel fica? Abre os olhos... e morre.

A mãe, coitada! não sabe que está morta a pequenita... Dizem-lhe: não acredita que um sono assim lhe desabe!

E grita com voz sonora: — Se me dás este anjo vivo, tens toalha de crivo, ó minha Nossa Senhora!

III

Enche-se a casa de gente. Visitas e mais visitas! Caras as mais exquísitas entram animadamente...

Fazem berreiro as mulheres.

Só não chora uma visinha velha, mas muito velhinha, que diz á mãe:

— Que mais queres? E's bem feliz, minha rica? Pois é uma felicidade quando ellas vão n'esta idade e n'este mundo não fica!

Oh! creatura serodida, que a Morte esqueceu no mundo, tens, do espirito no fundo, mais egoismo que prosodia!

Maria tambem não chora, e a todo instante começa a repetir a promessa que fez a Nossa Senhora.

IV

Uma visinha caridosa o cadaversinho beija e deita-o n'uma bandeja cheia de folhas de rosa. A bandeja é transportada para cima de uma meza, e vem uma vela accessa pelo vigário mandada.

Hirto, branco, ensanguentado, com seu plendor de prata, as alminhas arrebatadas um Christo crucificado. Do cadaver o olhar fixo a todos estar parece acompanhando prece, cravado no crucifixo.

V

Eis que chega a hora do enterro. Já está metido o corpinho n'um pobre caixão de pinho, com quatro argolas de ferro.

Com ar de muito criterio, todas de vestidos brancos, quatro meninas aos trancos, conduzem-no ao cemiterio.

Na frente, o nédio vigário os passarinhos espanta, pelo vigor com que canta o latim do seu breviário.

Quando o caixão, entretanto, os umbraes transpõe da porta, Maria tudo supporta sem dispendio de pranto, dizendo com voz sonora: — Se me dás este anjo vivo, tens uma toalha de crivo, ó minha Nossa Senhora!

VI

Passou-se um anno, leitores.

Na matriz branca e modesta realisou-se hoje a festa da Santa Virgem das Dores.

De petalas recamada, por baixo da Eucharistia, vê-se a toalha de Maria perfeitamente engomada.

Não chega pra's encomendas o parecido attencioso, que a todos mostra, garboso, o trabalho das rendas.

Bimbalha o sino festivo. C'um olhar doce e

magoados, o virgem, do altar doirado envolve a toalha de crivo.

VII

Entra na egreja a viuvinha, e vem com ella a parteira, que traz, muito prazenteira, ao colo uma creancinha. Ao seu encontro apressado vae o padre sorridente...

Enche-se a egreja de gente. Celobra-se o baptisado.

VIII

Dirige-se para a porta o povo, mas o vigário o silencio de sanctuario com estas palavras corta:

« Meus filhos! Nossa Senhora fez piedosa maravilha, ressuscitando esta filha que baptisamos agora. Esta creança rosada é — mysterioso arcano! — a mesma que, faz um anno, foi morta e foi sepulhada! A propria virgem um dia o milagre annunciou-me, por que eu salvasse o bom nome ali da dona Maria. Fique, portanto, o povo que esta menina foi, por bondade divina, concebida sem peccado. E porque de peçonhentos não seja mais tarde victima, vou como filha legitima, pô-la nos assentamentos. »

IX

Contra o caso extraordinario protestar ninguém lá ousa, pois a verdade da cousa só sabe a mãe... e o vigário.

E ahí está contudo o motivo, ahí está, meus caros leitores, porque a Senhora das Dores teve uma toalha de crivos.

ARTHUR AZEVEDO.



A MESTRA REGIA (*)

A DEOLINDA na aldeia das Penhas-Negras reesabia, como uma d'estas sementes que, arrebatadas pelo vento, vão fecundar a sua efflorescencia, rutilante e nostalgica a distancia, em alpestres solidões.

Quando foi creada a cadeira do sexo feminino e a Deolinda appareceu a inaugural-a com a sua regencia, o acontecimento exaltou os soalheiros e o Antonio da Cerca, um Apollo em confronto com os toscos arganazes do bravo logarejo, como que talhados a enxó, ficou deslumbrado. Depois o seo enthusiasmo, effervescendo entre libações na tasca do Pisco, chegou a deslinguarse n'este madrigal sacrilego:

— Oh! rapazes! parece mesmo que a Nossa Senhora da Saude desceio do altor-mor para se plantar na cadeira da escola! Então os olhos, azues como um ceo, são mesmo os da mãe de Deos!

Outro do rancho observou com vil chocarrice — que a mestra e o S. Joãozinho da Reitor faziam um par de gathetas.

A heresia do Antonio scandalizou as fêmeas siamescas da aldeola, e a Deolinda, olhada de soslaio, era atassalhada com mordacidades ciumentes.

Maguavam-na os olhares aggressivos d'este fêmeago sordido e barbaro, esmorecendo n'este

(*) A ILUSTRAÇÃO conta hoje mais um novo collaborador litterario. — É o sr. Julio Lourenço Pinto, um escriptor da escola realista, sobejamente conhecido do publico, e que occupa um lugar brilhante na moderna litteratura portugueza.

Só temos que nos felicitar com a estreia do distincto homem de letras nas paginas do nossa Revista, — que continua francamente aberta a todos os talentos, seja de que escola forem, pois que a ILUSTRAÇÃO não é a Revista d'um grupo, mas sim a Revista de todos quantos trabalhavam pelos progressos das lettras patrias.

N. DA R.

meio brutaemente hostil; a sua bondade affectuosa e bemquerente precisava de um ambiente benevol e amovavel, e fóra d'esta atmosphera propicia melindrava-se como planta mimosa de estufa que se estiola na aspreza de um clima adverso.

Mas ella exhalava da sua physionomia suave e terna uns effluvis de melancholia tão sympathica, irradiava tanta affabilidade no esplendor dos seus sorrisos insinuantes, a sua voz musical evolava-se para todos tão cariciosamente, era tão meiga para as crianças, que até essas malquerenças ciosas de uma ralé daminha se fundiram no affecto unanime e irresistivel da população.

Depois nos fragedos que sobranceavam a aldeia e lhe originaram o baptismo de Penhas-Negras repercutiram-se uns vagos rumores da biographia da mestra regia, e esses traços de uma vida aureolada pelo prestigio do infortunio consolidaram a cordialidade, que por fim a envolveu no ambiente acalentador de sympathia necessario á sua vida affectiva.

Deolinda orphanara-se de pai e mãe em ternos annos, e n'este desamparo valeo-lhe a confraternidade dedicada dos amigos de seo pai, que fóra jornalista. Educaram-na no Recolhimento das orphãs, e o professorado para logo se indicou naturalmente como a profissão mais adequada á delicadeza do seo organismo e ás suas aptidões intellectuaes, e do halito da desventura, que a crestou logo ao desabrochar a flor da sua infancia, bem como d'este bafo de protecção e dependencia a que se acalentou a sua mocidade, emanaram certamente aquelles laivos de vaga e impressiva melancholia que ressumbravam da sua physionomia bondosa e insinuante e tocavam o coração de enternecimento. Mas para além da serena doçura que transparecia no seo olhar azul pressentiam-se a firmeza e a energia de que se fazem as heroínas e as martyres.

O enthusiasmo do Antonio da Cerca pela Deolinda cresceu com o tempo; mas, se as palpitacoes do coração virginal da mestra regia alguma vez se acceleraram amorosamente, o seo espirito, espavorido das realidades grossieiras e chocantes das Penhas-Negras, levantava voo sereno para o ceruleo firmamento de algum vago ideal. Não repulso com desabrimientos, destoantes da sua dulcedão, a teimosia perseguidora do apaixonado Antonio; tentava apenas amortecer-lhe ardimientos requestadores na frieza de uma reserva descoroçoante. Mas elle é que não esmorecia na sua contumacia amorosa; o desgosto de Deolinda era talvez brande de mais para lhe penetrar a coriacea rudeza. Pelo contrario esta resistencia deprimente exasperava-o e era uma decepção que o despeitava; a elle herdeiro do mais farto casal das redondezas e o moçoito mais desejado das cachopas do logar. E obstinando-se n'este pensamento fixo, encupellado em paixão tempestuosa, teve um dia um impeto allucinado na tasca do Pisco.

Commentava-se o porte grave e comedido da mestra regia; entrelaçava-se mais uma flor na grinalda das suas virtudes; ella ia pisando uma vereda, juncada de lyrios e acucenas, que a levaria direitinha ao gremio das onze mil virgens, e uma voz resumia a opinião do ajuntamento n'esta phrase:

— Nem isso lhe falta, é uma santa!

Mas o Padre Theodosio, que odiava o parcho desde que o supplanlara no concurso á Igreja da sua terra natal, fito das suas aspirações supremas, entrava na taberna, e contestou abruptamente com malevolencia sarcastica e brutal:

— Uma santa!... Talvez, mas já agora á maneira das Magdalenas arrependidas...

O Antonio exasperado pelo deslinguamento viperino do padre rancoroso, cresceu irado para elle:

— Nem esta lhe escapa? Que tem você que abocanhar-lhe?

— Eu nada — affrontou o padre accentuando

a phrasa com intenção mordaz através de um sorriso aere de ironia — Mas talvez o padre João o possa informar melhor...

O irascivel Antonio arremessou-se n'um impeto irreprimivel. Os do bando interpozam-se e subjugaram a custo o allucinado moçoão, que se debatia ebrio de colera, vociferando:

— Que o rucho, seu alma do diabo! Quero rebentar-lhe a barriga a pombas! e tirar-lhe pelas tripas a pegonha que traz no corpo excommungado...

Não era o padre Theodosio de estofo para se amedrontar e ainda menos para se aggravar com a aggressão e com as injurias, e conjecturou logo que esta fogosa paixão seria uma força poderosa, aproveitada habilidosamente ao serviço do seu rancôr.

A' sahida da taberna acercou-se do seu aggressor com perdas e branduras na voz:

— Não fiquemos mal por isto e amigos como d'antes. Fugim-me a lingua para a verdade, mas sem querer affrontar um amigo. Não fiz bem, confesso o meu peccado; mas, com as malditas! o mal está feito e agora o remedio é não pensar mais n'isso...

Pelo olhar do virulento Antonio percebeu um lampejo, ao mesmo tempo que o coração se lhe apertava n'um calafrio doloroso; mas embaldeado pelas doçuras insidiosas do padre, e já torturado de coisas suspeitas, recalcou a colera, interrogando com aspecto sombrio:



FRANÇA. — Uma estatua a Balzac.

— Fugio-lhe a lingua para a verdade? Então você ainda retinca? Ora ponha para ahí o que sabe...

E a sua physionomia, refrangendo-se mais tórva e sinistra, dava calafrios!

— Eu não quero levantar falsos testemunhos; mas, com a breca! você acha que é só pela salvação das pequenas que elle não ardeia pé da escola? E depois não sou eu só a pôr malicia no caso; não faltam já murmurações...

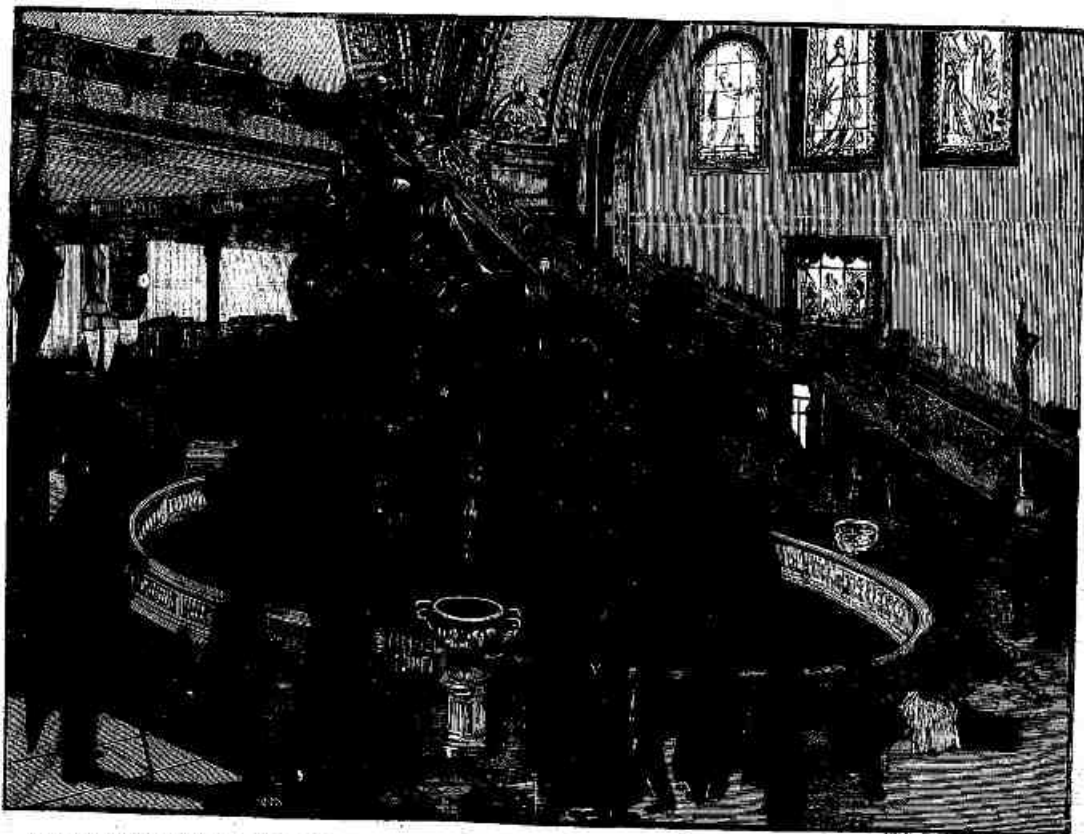
O Antonio forcejava por escutar com serenidade a voz refalsada do padre, que lhe insufflava todo o seu odio contra o parochio; mas sem embargo o semblante demudava-se-lhe medonhamente em contrações patidulantes de facinora incubando um crime.

Depois pactuaram uma conjuração de espionagem, e o Antonio rouquejou com chispas sanguinarias no olhar:

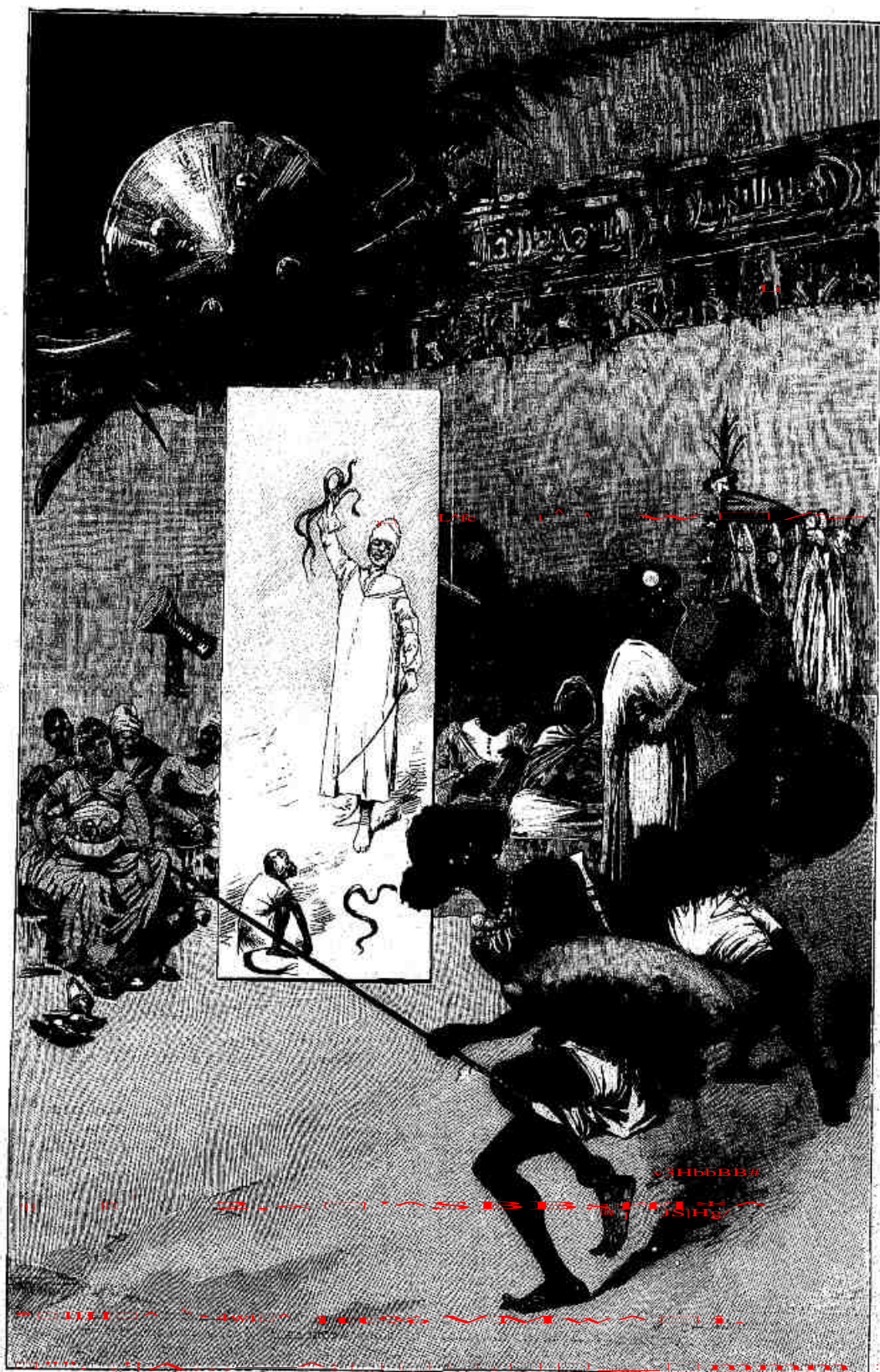
— Se vejo o desafeto com estes olhos que agora hade comer... Oh! padre Theodosio! lembre-se d'estas palavras aquí neste logar, debaixo d'este sol que nos alumia. Seja eu excommungado, se a freguezia não houver de ver o que nunca se viu muitas legoas em redondo...

O parochio, como a mestra regia, tinha iniciado a sua proffissão nas Penhas-Negras; havia entre ambos afinidade de situações, discordantes ambas do meio montesinho a que se transplantaram.

O padre João precedera a Deolinda: uns mezes, e tambem elle captivara a população com a sua mocidade in-



RECORDAÇÕES DA EXPOZIÇÃO DE PARIS. — A PONTE MONUMENTAL DE BASTOGUEN DESTINADA A' CIDADE DE BORDEAUX.



RECORDAÇÕES DA EXPOSIÇÃO DE PARIS. — Os BOMMEZ DA RUA DO CARRO.

sinuante, mas sem o cunho de vaga e sympathica melancholia, como que fatidica e tão impressionadora na mestra regia. A juvenildade de padre era expansiva, radiosa e fervida de bom humor, e na austeridade ecclesiastica batina o seu rosto de ophobo, de uma frescura de nacar, tinha um destaque petulante, quasi irreverente.

Ordenara-se sem vocação, por concendenciencia com o pai, que desde o berço afagara a devota ambição tradicional do filho padre.

A aldeia das Penhas-Negras, com a sua barbaerta serra, mortificava-o nas aspirações à vida larga dos grandes centros, a que habituara durante a ordenação, e onde polia a sua crosta de aldeão. Depois, cabido nas Penhas-Negras mais bravias do que o logarinho natal, esse era sempre o seu polo, fiando da influencia em que alçaram a sua collação a realisação d'este anelo que o impulsionava para os regatos da cidade.

N'esta disposição d'animo a nova escola, alvo, recendo como um sol no lobrego antro da sua parochia sob o esplendor da linda Deolinda, era um oasis elemente na aridez de inhospita solidão, e naturalmente, irresistivelmente, prendendo para este centro de atracção como a flor tende para a luz.

Visitava a meudo a aula regia, interessava-se pelo ensino, doutrinava as crianças e prolongava este prazer espalhando-se em proximas palestras de moral e religião, convencendo-se que d'este arte podia ceder ao encanto d'esta convivencia sem dar pábulo à maledicencia com desdouro para o seu ministério.

Deolinda costumava-se com ingenua despreocupação às visitas do joven reitor; affigurava-se-lhe natural, e até louvavel, esse fervente interesse pela educação moral e religiosa das suas discipulas, acolhendo com agradável admiração o paternal enthusiasmo do evangelico moço.

Ao abrigo d'esta candida crença cedia também a necessidade d'esta communhão intellectual no meio barbaresco em que se esfolavam, e ambos se deixaram penetrar com intensidade crescente do enlevo d'esta convivencia, aquecendo-se na gelida solidão que os cercava ao calor d'esta doce familiaridade, atrahidos na magnetica corrente de uma affinidade affectiva e mental.

Era sempre acusto que o padre João se arrancava à fascinação que o detinha na sala da escola, e as suas visitas ameculavam-se e alongavam-se n'uma quietude embalsamada de bem-estar. Como tudo era ali diferente do que ficava fóra dos humbrões d'aquelle eden! Como contrastava a luminosa serenidade d'aquelle recinto com os ameros sordidos habitados pela horda das Penhas-Negras, crassos de immundície, de humidade e de fumo da clareira convivencia doce e da arca, especie de habitações primitivas sem compartimentos, mal lavadas de ar e de luz, escondendo-se sepulcralmente por postigos rudimentares, e nas quaes se vive na promiscuidade ascorosa dos sexos e dos animais, e na desordem das cousas que persam a cavernosa quadra n'um misto de toscos utensilios de cozinha, de instrumentos de lavoura, de cestos de vindima, de feixes de palha e de lixos.

Os aposentos de Deolinda eram contíguos à sala da escola; por vezes elle enxergava pela porta entre-aberta uma nega d'esse interior adoravel de arranjo e acoço, vindo a commoda onde destacavam com ordem sobre o crecho alvissimo pequenos ornatos, jaras enfiocoidas, objectos de toilette, o leito de ferro com as roupas lavadas, laboradas de niveos entremeios, o canario vibrante de jucundas voltas na gaiola suspensa entre as cortinas de cretonne mosqueada de florinhas azues, e elle estremeceu penetrado pelos effluvis deliciosos que lhe vinham d'aquelle ninho virginal.

Ultimamente, ainda depois da sabida das alumnas, ficava captivo d'esta fascinação, e então a sós é que mais se aproximava em communicativa e amavel intimidade, identificando-

se n'uma perfeita communhão de ideias e sentimentos.

N'estas palestras elle esclarecia-lhe sobre a indole e habitos da população, e para viver entre os barbaros d'este serra suggeria-lhe avisos e bons conselhos, a que elle sorridente chamava — fazer as honras da casa.

Depois confidencia-lhe as tristezas do seu exilio, as suas esperanças de libertamento e de melhor futuro, exhortando-a a remir-se tambem d'aquelle captiveiro.

Deolinda com a resignação das almas boas e soffredoras, que aprendem no infortúnio a conformarem-se com a mesquinha partilha que lhes coube no inventario da vida, replicava:

— Não penso n'isso; vim para aqui resignada com a minha sorte; tratam-me bem; são meos amigos e com isso me contento.

— Nunca fiar, nunca fiar... Muita má genio sobretudo os da serra!...

Com o olhar sombrio indicava as alcantiladas montanhas, que se detavam no horizonte erigidas de enormes penedias pontegudas como lanças colossaes que estufassem o ceo, lembrando um cinto de muralhas cyclopias, baluarte de titans, ameado aqui, torreado além. Depois, espreitando-se em pormenores, affirmava que os montanhizes eram tão bravios como os lobos que com elles puxavam a terra, habitando em chugas esculpidas, rudimentares como cavernas de trogloditas, umas encravadas, como ninhos de aguias, nas rochas que figuram despenhar-se em abysmos formidaveis, outras soterradas no fundo de escarpados despenhadeiros, d'onde os mortos só podem subir içados a corda.

E a terra tem lendas e tradições pavorosas — prosseguia o padre João com accento lugubre. — Uma vez n'um d'esses casebres, enclausurados entre rocheitos tallhados a pique, praticou-se um homicidio. O assassino esfolava-se a izar o cadaver, mas ao cabo da tarefa ia fragejando, e algos e victimas envelheciam-se, rolando abraçados no abysmo. Os serranos, encontrando os cadaveres engastados, acreditavam que o assassino se vingava, agarrando-se ao assassino e precipitando-se com elle no despenhadeiro.

Deolinda ouviu gelada de terror esta narração exclamando:

— E' horrivel! é horrivel! Confesso que tenho medo agora de viver entre tal gente.

Então o padre João tranqullizava-a protectoramente. Estava elle ali para a defender e palpitava de orgulho e prazer em acolher ao seu protectorato este ser delicado e adoravel.

Viviam felizes na dulcedão d'este idyllio innocente, a Deolinda resvalada na sua despreocupação ingenua, e elle confiado na boga indifferença dos brancos campones.

Mas o padre João não contava com o ranco do padre Theodosio, e um dia sobresaltou-se ao sair da escola.

O padre Theodosio e o Antonio passavam. O padre, com expressão hilare de satyro concupiscente, confidencia-lhe alguma chocante libertina ao outro, que dardejou aos parochos uns olhares carnicieiros.

Este incidente foi um clarão revelador. O padre João deu rebate do perigo a Deolinda e propoz-lhe que se avistasse secretamente.

Deolinda fitou no padre um olhar fulgurante de surpresa.

— Escondemo-nos!... De quê?... Mas para logo baixou os olhos, inflammando-se em rubores.

— Ah! compreendo agora! Não cuidei que entre nós o mundo pudesse suspirar o mal; eu confio-me a essas intimidades como se estivesse com um irmão. Mas se não podemos continuar as claras, a occultas muito menos. De hoje em diante tudo acabou!

Então o padre João affirmou a pureza das suas intervenções; mas como seria doloroso quebrar agora este habito de tão doce convivencia? Como privar-se do prazer unico de viver um pouco da atmosphera em que ella vivia? Ali, n'aquelle

meio inhospito e hostil, que mal havia na união affectuosa de duas almas que se comprehendem!

Deolinda insistia sempre com os olhos baixos: — Não... não pode ser.

O padre João deu uns passos para ella, n'uma attitude deplorativa:

— Acredite que a respeitarei sempre, mas não nos sacrificamos. Sei que não é feliz, que não o pode ser, que tudo aqui lhe falta para o ser, como a mim, exactamente como a mim. Agora que me ameaça o nosso isolamento é que bem comprehendendo a falta da sua presença; altera-me o soffrimento que me espera! Temos ambos sede de affeição, e se as nossas almas, os nossos corações se atrahem, porque não havemos de afastar de nós uma solidão, uma tristeza horrivel que nos infecciona?

Deolinda, estorcendo as mãos n'um gesto de supplica, com a physiquomia torturada, soffrendo por causa do soffrimento que causava, murmurou com voz expirante, n'um esforço de reacção contra a sua fraqueza:

— Por amor de Deus retire-se!...

O padre estremeceu impressionado durante esta emoção; mas era muito moço e pouco audaz, e como já muito a amava, abriu mão do triumpho immediato, retorquindo radioso:

— Obedeco e retiro-me contente, porque levo a certeza de que me separo agora para nos aproximarmos pela alma e pelo coração.

Deolinda ficou por instantes immovel, atordada, com o olhar empenado, fixo na porta por onde sahira o padre, e depois, despertando n'um doloroso sobresalto, exclamou estorcendo as mãos n'um gesto de afflicção:

— Meu Deus! será possivel que o ame!... Mas não... não, antes um amor sem esperança do que um amor criminoso!

A este tempo ia nas Penhas-Negras, uma grande agitação, passava pela aldeia um sopro de colera popular, quando rugiu em desvairementos revolucionarios.

O padre Theodosio expectorava os despeitos da sua ambição frustrada em vociferações virulentas, em apostrophes tribunicias trovejantes de indignação. Saturava-se das verminas incendiarias dos jornaes de combate para ao depois as expluir em paraphrases vulcanicas, ao sabor do obtuso intellecto do seu auditorio, e n'esta cruzada arruaceira galhardamente secundado pelo Pisco, que se vangloriava de ter convertido a sua baizua no focum da povoação.

Era ali que se formava a opinião, e o Pisco, enthronisava-se no balcão como n'uma tribuna em que era oraculo.

Tinha a monomania oratoria, cultivava na leitura de todos os alfarrebios a lanço de mão, e nas predicas dos padres missionarios arremedadas na sua passagem pela aldeia em peregrinação catechizadora.

Eram o parochos, o boticario e o mestre-escola que proviam o seu arsenal de erudição, e o seu cerebro, immergindo avidamente n'esto pego de sabedoria, era uma esponja abeberada de sciencia bokorenta, abstrusa, cahotica e desconchavada, que infundia respeito aos hirsutos barbaços frequentadores da ascorosa possiga. Mas era nas fontes das sagradas escripturas que elle sobretudo hauria as seivas da sua sabedoria.

Quando o estro o inflamava erigia-se em rigida attitude, alteando a cabeça, assumindo uns ares imponentes e propheticos, e declamava a sua erudição aos jactos, entremeando-a de pausas solomnes.

Durante estas intercadencias, em quanto o auditorio com aspectos palmares ficava suspens d'esta palavra augusta, elle media o pavimento do estreito caccio a passadas pompasas, cabibais, como que em reconhecença para incurrir á palavra novos e mais vehementes impulsos, e tomando folego para o vôo, bem tensa a corda do pensamento, reergia-se em postura declamatoria, e com a emphase de um illuminado abra-

zado no fervor da catatose frema em novos borbulhões das suas jeremiadas das sybillinae mente estamboticas.

Por vezes succedia que a mulher o vinha interromper, solicitando a sua attenção para algum vil interesse rasteiro. Então elle affectava a irreverente com gesto soberano e desdenhoso de quem paira alto e muito sobranceiro das misérias terrenas, e proseguia abraçado pela faísca da inspiração.

— Este seculo é o seculo das luzes e da sciencia; o que ha-de vir será o seculo da perdição. Porque em verdade vos digo, o mundo ha-de perder-se pela mulher e Satanaz tornará a ser anjo. Eva perdeu Adão e Satanaz tornará a seduzir a mulher; mas lembrai-vos, mortaes peccadores, que a formosura da mulher não é mais do que uma caveira bem enfeitada...

Ultimamente, porém, não era n'este o seo thema favorito — a perdição do homem e do mundo pela mulher. Outra preocupação agora o abraçava, affinando pelo diapasão do padre Theodosio.

O que o exasperava e ao povo das Penhas-Negras era o augmento das contribuições: na vasta e complexa fabrica da governação só viam com rancor as rodagens formidaveis do imposto crescente, dentaduras anavalladas, monstruosas, que lhes dilaceravam as carnes, deixando-as a sangrar o melhor do seo sangue, e o furor popular recrescia até ao auge da allucinação criminosa, aculado pelas diatribes sabidas do padre Theodosio, do Pisco e das gazetas que figuravam os governantes cevando-se sardanapalescamente na miséria do povo. Da voracidade vampirica da casta governamental, com as garras aduncas cravadas no fisco, brotavam rapidas fortunas, como que por encantamento, palacios magnificentes, festas deslumbrantes, desperdícios faustosos.

— Rios de dinheiro, rios de ouro! E o povo que gema, que sue, que leve vida de negro, que estale de fome para regalar a choldra!... — Vociferava o padre Theodosio em commentario iracundo aos artigos e proclamações estrondantes, declamados em sessão plena na tasca do Pisco.

E o taverneiro ampliava colericamente a phrase do padre:

— E este dinheiro é o suor do povo, é o sangue do povo, porque o dinheiro também é sangue.

Resfolegava-se de indignação, n'um desvaireamento carniceiro, na perspectiva d'essas imagens sanguinolentas, e o espirito da população só attingia uma alta tensão de irritabilidade, quando veio atizar ainda mais estas coleras rubras o inquerito agricola.

As povoações rurais aculhiam a providencia hostilidade e a resistencia crescia até ás violencias da sedição. Debalde o poder central forcejava por acalmar a deflagração, clamando por intermedio de todos os seus órgãos que o inquerito não era uma ameaça ao contribuinte; a curiosidade official inspirava-se somente em santo e paternal ardor para se acudir com leis beneficas ás angustias da agricultura.

A população agricola, rosnando de susto desconhada, obstinava-se em morder a mão bemeiteira. O povo refulava os dentes aos distribuidores dos boletins agricolas; armavam-se motins; os sinos tocavam arebete; magotes armados atrovavam os ares com alaridos sediciosos; a auctoridade, quando intervinha sem o auxilio da força armada, era desacatada; os amotinados de bom ou mau grado apoderavam-se dos boletins agricolas, queimando-os n'uma grila de improperios, dichotes e ameaças.

D'este incendio que ia lavrando communicou-se uma centella ás Penhas-Negras. O padre João, inflamado em fervido zelo partidario, tentava suffocar as primeiras labaredas; á missa conventual solemnemente em exhortações calorosas, ou nas privanças intimas arvorava-se em paladino governamental, affirmando os humani-

tarios intuitos dos depositarios do poder, aureolando-os na gloria de salvadores da agricultura e redemptores da miseria publica, em quanto que o de Theodosio, secundado fogosamente pelo Antonio e pelo Pisco, lhe contrapunha a sua propaganda de odio e revolta.

Na taberna rugia elle em arengas ribombantes — o parcho atraçava o povo e estava vendido á casta governamental, que promettera despachal-o conego. O vinho corria copiosal mente; n'aquelle dia mão mysteriosa e libera-abria as torneiras; no auge da vinolencia os mais insoffridos sahiram em tumulto, esportados pelos bufidos rugidores do padre e do Pisco; com o Antonio á frente irromperam em clamores sediciosos até á morada do distribuidor dos boletins; o magote pelo caminho engrossava torrencialmente, arrastando no tropel os enconradiços; outros accorriam de longe ao alarme e a avalanche crescia vivante, turgida de coleras e blasphemias.

A porta do distribuidor, sob ameaça de morte, comminaram-lhe que entregasse os boletins, e elle amedrontado arremessava-os da janella. Então os amotinados, tripudiando victoriosamente rugiam em aclamações estrugidoras, em dichotes e obscenidades, e as mulheres eram as mais encarniçadas em iracundias bestiaes, e desgrehamentos de megera.

Eram ellas com o rapazio que apanhavam os boletins ás braçadas, accumulando-os em pyra, e uma fumarada erguia-se por entre um turbilhão de labaredas e de gente desarticulada em gestos furiosos.

As mulheres e o rapazio aticavam a fogueira, que sibilava crepitante de papeis carbonizados, redemoinhando em vóos phantasticos e macabros, que enfarruscavam infernalmente esta herda medonha de urros e de esgares epilepticos.

Ao mesmo tempo o padre João, confiante na sua popularidade e no seo prestigio ecclesiastico, acudia pressuroso com exhortações pacificadoras, alçando os braços n'um gesto amplo e patheticamente de impreciação apasiguante. Então, desviadas as attentões pela intervenção do parcho, houve um instante de quietação n'aquelle revolta vaga, humana; mas logo uma voz bramio rouca de colera:

— E ainda se atreve este Judas Iscariote! O alma damnada!... Vai para os que te pagam o sermão!

Esta apostrophe aggressiva gelou a palavra do padre assombrado do insulto rebelião e foi o grito de alarma que desenfreado de novo a ira popular por um instante soffreada.

A megera que ressaia em furia entre o mulherio, uma velha escanifrada, com os braços de uma cor tizada como couro denegrido pelo uso, uns feixes de tendões e de musculos ressequecidos e descarnados que lembravam calabres, gritou esbugalhando olhares incendiarios, e cerrando os punhos com gesto ameaçador:

— Elle é contra o povo, o excommungado! Elle é contra os pobres!

Então aquella turba escabujou de novo em convulsões de colera brutal; os insultos, as vaias e os dilerios chulos explosiram; braços erguidos minazmente, punhos raivosamente cerrados, gestos affrontosos e aggressivos convergiram para o padre, e a vaga humana, n'um impeto de furia, envolveu-o n'aquelle redemoinho de aggressões, ao mesmo tempo que elle livido e desviado se debatia na tentativa de aplacar a tormenta, gritando:

— Ouçam, meus filhos! Ouçam o seo parcho! Attendam o seo melhor amigo!

Mas o Antonio, que era o mais allucinado, já o tinha empolgado, e sacudia-o n'uma explosão de odio bestial, quando uma voz clamou:

(Conclue no proximo numero.)

JULIO LOURENÇO PINTO.

TSARINE

PO DE ANNOZ RUSSO
Adherente, Suastante, Enxerpe
PREPARADA POR VIOLETT
29, Boulevard de Valenciennes, PARIS

FIGARO ILLUSTRADO 1889-1890

Acabamos de ser brindados, por parte da illustrada redacção do *Figaro* de Paris, do seu esplendido numero de Natal do *Figaro illustré* de 1889-90.

E' o septimo fasciculo d'esta artistica publicação, e, ainda d'esta vez, nós deparamos com reaes progressos. Mais do que nunca a variedade e o interesse do texto, assignado pelos nomes mais gloriosos da França litteraria, e a perfeição das gravuras a preto e a cores, collocam esta luxuosa publicação acima de todas as outras do mesmo genero.

As suas gravuras chromotypographicas excedem o que até hoje se tem feito de mais completo. Foi a casa Boussod et Valadon (antiga casa Goupil), que se encarregou, como nos annos precedentes, da execução e impressão das illustrações. E os srs. Boussod et Valadon, sempre preocupados com a ideia da perfeição, pizeram á disposição do *Figaro* os seus novos processos de gravura, e é por isso que este numero alcança um tal acolhimento junto do publico.

Podê-se fazer uma ideia do *Figaro illustré*, cujo preço continua sendo de *trez franco e cinquenta*, percorrendo o seu sumario. Devemos acrescentar que a tiragem é rigorosamente limitada, o que não se faz nenhuma reimpressão:

SUMMARIO

Couverture de DELORT.

CONTOS

Pile ou Face, par Alexandre DUMAS, illustrations de A. LYNCH (noir).

La plus belle, par Ludovic HALÉVY, illustrations de STEWART (noir et couleurs).

Panache, par GYP, illustrations de DELORT, (couleurs).

Le Voyage de Noces, par Jules SIMON, illustrations de E. BAYARD (noir).

ESTAMPAS A CORES

Une Ascension en 1789, par Louis LÉLOIS (double page).

Marchande de roses, par Carolus DURAN (double page).

L'Enjôleur, par Adrien MOREAU.

Almanach, par LAMBERT.

Une Chasse au Lion, par CARAN D'ACHE (noir).

MUSICA

Je cours après le bonheur... par J. MASSENET, paroles de Guy de MAUPASSANT, illustrations de G. DUROUX.

Idylle, par A. MESSAGIER, illustrations de G. DUROUX.

A redacção da ILUSTRAÇÃO agradece á redacção do *Figaro* a extrema amabilidade do seu luxuoso presente, e convida os seus leitores a folhearem o *Figaro illustré*.

PARIS

30, RUE MONTMOLON, 30

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro de Paris, perto da Opéra, das principaes estações de caminhos de ferro, das boulevards e das casas communiarias brasileiras e portuguezas. Este hotel é dirigido pelo proprietario e sua familia. É o mais concorrido e preferido pelos visitantes brasileiros e portuguezes, em razão da modicidade de preços e das commodidades que offerece.

SABÃO REAL / VIOLET / SABÃO DE THIRIDACE
Unico inventado por VIOLETT
Recomendado por auctoridade medica para a Higien de Pais e Bebês de Toda

SUSPENSÓRIOS MILLERET, elasticos e sem passa leiras. *Le Gonidec*, 43, r. J.-J. Rousseau, Paris.

GUERLAIN DE PARIS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMENDADOS

Agua do Colônia Imperiale. — Sapocetti, sabonete do loçador. — Crômocacabino (Ambraceti) Creme para a barba. — Crômocacabino para amaciar a pele. — Fôdo (Fôrta) para branquear a cutis. — Melitona cristallizado, para o cabelo e barba. — Agua d'Albúmina e Agua d'Albúmina para perfumar a cabeça. — Maria Christiana. — Fun Rosa. — Hamillie de Chiffre. — Melitona Branco. — Esquencia de Paris. — Imperial Russo. — Imperial do Brasil, para o longo. — Agua do Colônia Imperial Russa. — Agua do Cidra e Agua do Chiffre para o loçador. — Alcoolado do Cœlhenria, para a boca.

Interessante Descoberta Parilense
DA **PARFUMERIE-ORIZA**
de L. LEGRAND, 207, Rue St-Henri, PARIS

PERFUMES-ORIZA SOLIDIFICADOS

12 PERFUMES

DECORIOSOS

Sob forma de Lapis

e Pastilhas

Basta esfregar levemente os objectos para perfumal-os instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS:

VIOLETTE DU CEAR.	JOCKEY-CLUB Bouquet
JASMIN D'ESPAGNE.	OFOPONAX id.
HELIOTROPE BLANC.	CARDINE id.
LILAS DE MAI.	MIGNARDISE id.
FOIN COUPE.	IMPERATRICE id.
ORIZA LYS.	ORIZA-DERBY id.

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

A Trade em Farmacia em Paris e lojas em Parilenses e d'Albúmina



Remette-se
Franco o
Catalogo-Rijou.

T. JONES

23, Boulevard des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Parfumeria Inglesa

EXTRA-FINA

Extratos compostos

IMPERIAL RUSSO

ESSE, BOUQUET

VICTORIA

CAPRICE

CHYPRE

ROSE

PARIS

etc.

T. JONES

23, Boulevard des Capucines, 23

PARIS

Fabricante

de Parfumeria Inglesa

EXTRA-FINA

Extratos compostos

REMYTHIO N.W

NEW BROWN N.W

STEPHANOTIS

O'DONNAN

VIOLETS

ALBA

N. ROSE

JUBILEE

etc.

Especialidades

DE

T. JONES

Fabricante

de Parfumeria Inglesa

EXTRA-FINA

Fluido Iatit

Produce sem equal para amaciar

e prosuervir a pelle qualquer irritação.

La Juvenile

Po sem nephuma mistura chimica para os

culados do rosto adherente e Lavativo.

Lily Wash

Para embelezar e adormecer e Parafumose Hombres

Iatit Cream

Conserva-se perfeitamente solo todos os climas.

Superior a todos os Cold-Cream conhecidos.

Agua de Toilette Jones

Tonica e Refrigerante.

Elizir e Pasta Sarnohiti

Dentifric, antiodor, humectante do dentes, impede a carie e o tartaro.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

EXPOSITION UNIV^{rs} 1878

Médaille d'Or Croix Chevalier

LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

OLEO DE QUINA

E. COUDRAY

Extrato de quina preparado para a febre e a diarreia

Recomendamos este produto.

considerado pelas celebridades medicas,

pelo seu principio de quina,

como o mais poderoso regenerador que se conhece.

ARTIGOS RECOMENDADOS

PARFUMARIA DE LACTINA

Preparado para a febre e a diarreia

GOTAS CONCENTRADAS para o longo.

AGUA DIVINA dita agua de saude.

ESTES ARTIGOS ACHAM-SE NA FABRICA

PARIS 13, rue d'Englins, 13 PARIS

Depositos em todas as Farmacias, Pharmacias

e Cabelleiros da America.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.



ESPARTILHOS

LÉOTY

adoptados pelo

high-life

parilense.

8, 1^a de la Madeleine

PARIS

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

PILULAS de PEPSINA

DE **HOGG**

Pharmaceutico

EN PARIS

2, rue de Castiglione

1^a PILULAS NUTRITIVAS

de Pepsina acidificada contra as

afecções gastralgicas, dispepticas,

etc., e nos casos em que a digestão

e a assimilação são deficientes. — 5 Fr. o

frasco de 100 pilulas, 3 Fr. o meio frasco.

Dose: 2 a 3 pilulas 3 a 4 vezes ao dia.

2^a PILULAS de Pepsina e de

Ferro reduzido pelo hydrogênio

contra as moléstias chronicas e as

afecções que dependem de ellas, porcas

brancas, céres pallidas, menstruações

difficiles e para fortificar os

temperamentos debilitados. — 4 Fr. o

frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.

Dose: 2 a 3 pilulas por dia pela manhã e a noite.

3^a PILULAS de Pepsina e de

Ferro contra as moléstias

escolofosas, limphaticas e capillares,

a phthisis, a cachexia

chlorotica e as afecções atonicas

geraes da economia. — 4 Fr. o frasco,

2 Fr. 50 o meio frasco.

Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

Receita tres sortas de pilulas são preparadas

diariamente pelos mais competentes officios.

DEPOSITO nas principaes PHARMACIAS do BRASIL

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.

Fallencia de Forças

ANEMIA — CHLOROSE

O FERRO

BRAVAIS

Segundo as experiencias dos mais competentes

medicos este meio rapido e seguro para a

restauração da vida e da energia do organismo,

é o mais poderoso regenerador que se conhece.

Indica-se a todos os doentes de anemia, de

chlorose, de phthisis, de cachexia chlorotica,

de menstruações difficiles, de debilidade

generaes da economia, etc. — 4 Fr. o frasco,

2 Fr. 50 o meio frasco.

Dose: 2 a 3 pilulas por dia pela manhã e a noite.

DEPOSITO nas principaes PHARMACIAS do BRASIL

etc.

etc.

etc.

etc.

etc.